

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas
Curso de Bacharelado em Museologia



Monografia

“Entendendo, Aplicando e Conhecendo”:

A educação no Museu Municipal Parque da Baronesa,
Pelotas/RS, 2005-2009.

Nathalia Santos da Costa

Pelotas, 2010.

NATHALIA SANTOS DA COSTA

“Entendendo, Aplicando e Conhecendo:”

A educação no Museu Municipal Parque da Baronesa,
Pelotas/RS, 2005-2009.

Monografia apresentada ao Curso de
Bacharelado em Museologia da Universidade
Federal de Pelotas, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Museologia.

Orientadora: Noris Mara Pacheco Martins Leal

Pelotas, 2010.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Carla Gastaud

Prof^a. Dda. Noris Mara Pacheco Martins Leal (orientadora)

Dedico esta monografia a pessoa
que é a estrela mais brilhante em minha vida,
que foi meu Cruzeiro do Sul no decorrer destes
quatro anos de graduação... minha mãe.

Agradecimentos

No desenvolver desta monografia me deparei com diversas situações e sentimentos. Várias pessoas foram responsáveis para que eu pudesse continuar trilhando este caminho. Gostaria de agradecer a todos que direta e indiretamente, me auxiliaram para que este trabalho se tornasse realidade.

- Aos professores, e aos funcionários, do Curso de Bacharelado em Museologia, que sempre se dispuseram com todo carinho;

- Em especial ao querido Prof. Wilson Marcelino Miranda, que alicerçou a pedra fundamental do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel, e nos deu a honra de ser patrono da nossa turma;

- A minha orientadora Noris Leal, que sempre me motivou, ‘puxou minha orelha’ quando necessário e teve acima de tudo paciência e atenção para lidar com as minhas inseguranças e aflições;

- Aos meus colegas de graduação, que no decorrer destes quatro anos me possibilitaram um enorme aprendizado e a conquista de grandes amizades, em especial a Maristela, a Luciana e a Sandra;

- Ao MALG – Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo- na pessoa da Raquel, por ter possibilitado o meu primeiro contato com uma instituição museal, no início da minha graduação;

- A Prof^a. Francisca Michelin por ter me dado a valiosa oportunidade de trabalhar com ela durante dois anos, tempo este que me ensinou e serviu de base para o meu amadurecimento profissional;

- Ao MFM – Museu Farmacêutico Moura- na pessoa da Cláudia e do Dr. Gilberto Moura, que durante dois anos de estágio pude aplicar as teorias aprendidas em sala de aula, nas práticas desenvolvidas no museu, o que fundamentou o meu desenvolvimento profissional, bem como a minha reflexão sobre museus e o fazer museologia; Não esquecendo também do Fernando Giusti, sempre risonho e carismático, como também dos colaboradores da Farmácia Natura, sempre dispostos e atenciosos, com certeza todo o trabalho ali realizado conta com uma parcela da atuação de todos eles;

- Ao Museu Gruppelli, tanto a família Gruppelli quanto às Gruppelletis e o nosso caro coordenador do projeto o Prof. Diego Ribeiro, que me convidaram a participar deste projeto e me receberam de coração. Apesar de pouco tempo de convivência, esta sintonia já despertou

em mim um afeto enorme, como também acrescentou mais um importante aprendizado para construção da minha vida profissional;

- Ao Museu Municipal Parque da Baronesa, principalmente a Annelise e a Jezuina, como também os demais funcionários e estagiários desta instituição, que me receberam de portas e braços abertos, atitudes estas que favoreceram, e muito, a realização desta pesquisa na referida instituição;

- A minha família: minha mãe (Paula) – que aturou minhas leves crises de choros -, meus irmãos (Matheus, Lázaro e Luis Gustavo), meu pai (Paulo Renato) – que foi o primeiro a me incentivar a fazer o vestibular para museologia -, e a também meu padrasto (Guto), que no dia-a-dia me deram força e carinho, para que em nenhum momento eu fraquejasse, e toda essa realização fosse possível;

- A minha tia Edi e ao meu primo Cléo, que me socorreram, em um breve momento de desespero, quando achei que todo meu trabalho havia se perdido por causa de uma pane no computador;

- A Lu,- minha companheira de estudos e de intercâmbio de idéias-, a Drica e a Zeli (mãe das meninas) que sempre com atenção e carinho me auxiliaram quando necessário, muitas vezes me ‘emprestando’ o computador e a sua internet;

- As minhas amigas (Ângela e Michele), que me apoiaram, e me entenderam no meu momento de ‘exílio’, de maior concentração, para a realização desta monografia.

Mais pessoas, também, tiveram sua parcela de importância para a realização deste trabalho, se não as citei, não foi por não reconhecê-las. Fazendo uma alusão a uma das canções de Elis Regina, todos estarão sempre na “parede da minha memória”.

“Não gostaria de ser homem ou de ser mulher se a impossibilidade de mudar o mundo fosse algo tão óbvio quanto é óbvio que os sábados precedem os domingos. Não gostaria de ser mulher ou homem se a impossibilidade de mudar o mundo fosse verdade objetiva que puramente se constatasse e em torno de que nada se pudesse discutir. Gosto de ser gente, pelo contrário, porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível. É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites.”

(Paulo Freire)

Resumo

COSTA, Nathalia Santos da. ***“Entendendo, Aplicando e Conhecendo”*: a educação no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS, 2005-2009**. 2010. 92 f. Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

O MMPB (Museu Municipal Parque da Baronesa), fundado no ano de 1982, tem por temática retratar os usos e os costumes da elite pelotense do século XIX, e início do século XX. Aberto há vinte e oito anos, já possui uma importância histórica para a cidade de Pelotas visto que sua origem contextualiza-se na época do apogeu econômico e cultural deste município, sendo estes provenientes das charqueadas que aqui se instalaram no século XVIII.

Em razão da já mencionada importância do Museu da Baronesa, pretendeu-se nesta monografia compreender o conceito de educação em museus e como este é aplicado nesta instituição museal. Pela análise de documentos administrativos e através de entrevistas, conseguiu-se obter este entendimento, como também realizar uma análise das ações educativas que foram desenvolvidas no decorrer dos últimos quatro anos, 2005-2009. Além de tomar conhecimento, através de uma pesquisa de público, de como se dá a comunicação do MMPB com o seu público, visto que esta é considerada de suma importância para uma instituição museológica que assume sua função educativa, sendo este o caso do mencionado museu da cidade de Pelotas.

Palavras - chave: Museu, Museu da Baronesa, Educação, Ação Educativa.

Abstract

COSTA, Nathalia Santos da. ***“Entendendo, Aplicando e Conhecendo”*: a educação no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS, 2005-2009**. 2010. 92 f. Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

The MMPB (Municipal Museum Park Baroness) founded in 1982, is subject to portray the habits and customs of Pelotas elite of the nineteenth century and early twentieth century. Open twenty-eight years, it a historical importance to thr city of Pelotas because it contextualizes its origin in the era of econoc and cultural heyday of this city, which are derived from charqueadas who settled here in the eighteenth century.

Due to the aforementioned importance of the Museum of the Baroness, this monograph was intended to understand the concept of education in museums and how this is implemented in this institution museum. For the analysis of administrative documents and through interviews, we were able to obtain this understanding, but also undertake a review of educational activities that have been developed over the past four years, 2005-2009. Besides being made aware, through a search of public, how is the MMPB of communication with your audience, since this is considered very important for a museum institution that takes its educational role, and this is the case of that museum the city of Pelotas.

Key-words: Museum, Museum of the Baroness, Education, Educational Action.

Lista de Figuras

Figura 1: Imagem dos três pontos de localização para a construção da igreja.....	22
Figura 2: Planta da Cidade de Pelotas em 1835 – mesma estrutura da atualidade.....	24
Figura 3: Visão geral de uma estância de produção de charque e couros, registrada por Jean-Baptiste Debret em 1824 (DEBRET,1978).....	26
Figura 4: Fachada da Charqueada São João.....	30
Figura 5: Fachada da Charqueada Boa Vista.....	30
Figura 6: Fachada da Charqueada Santa Rita.....	31
Figura 7: Fachada do Museu Municipal Parque da Baronesa.....	32
Figura 8: Imagem de um mapa com a localização do MMPB.....	33
Figura 9: Imagem da página inicial do site da Prefeitura de Pelotas.....	45
Figura 10: Imagem do site da Prefeitura de Pelotas, com o link do MMPB.....	46
Figura 11: Imagem da página inicial do site do MMPB.....	47
Figura 12: Imagem do folder do MMPB.....	48
Figura 13: Convite da primeira exposição temporária realizada, com cunho educativo.....	49
Figura 14: Convite da segunda exposição temporária realizada, com cunho educativo.....	49
Figura 15: Convite da terceira exposição temporária realizada, com cunho educativo.....	50
Figura 16: Capa da cartilha Amelinha.....	55
Figura 17: Sala do Sarau.....	61
Figura 18: Boudoir; Quarto de Amélia e Lourival.....	62
Figura 19: Corredor entre os cômodos.....	62
Figura 20: Quarto das crianças.....	63
Figura 21: Quarto Déa.....	63
Figura 22: Vitrines.....	64
Figura 23: Busto do Barão de Três Cerros.....	64
Figura 24: Conjunto de móveis – ‘namoradeira’.....	65
Figura 25: Escritório do Barão; Vista do escritório.....	65
Figura 26: Sala de costura; vista para parte interna da casa.....	66
Figura 27: Algibe.....	66
Figura 28: Banheiro.....	67
Figura 29: Setor de serviço.....	67

Figura 30: Cozinha.....	68
Figura 31: Sala de janta.....	68
Figura 32: Sala de música – ‘sala verde’.....	69
Figura 33: Pintura mural; fonte.....	69
Figura: 34: Sala de visitas – ‘sala azul’	70
Figura 35: Imagem da Planta baixa do MMPB.....	70

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Visitação do Museu da Baronesa.....	73
Gráfico 2: Frequência de visitação.....	74
Gráfico 3: Divulgação do museu.....	75
Gráfico 4: Parecer sobre a visitação realizada.....	75
Gráfico 5: Retorno à instituição.....	76
Gráfico 6: Sexo dos visitantes.....	77
Gráfico 7: Faixa etária.....	77
Gráfico 8: faixa etária em relação ao sexo feminino.....	78
Gráfico 9: Escolaridade.....	79
Gráfico 10: Residente na cidade de Pelotas.....	79
Gráfico 11: Localidade – Bairro.....	80
Gráfico 12: Localidade – Outra cidade.....	81

Sumário

Introdução.....	15
CAPÍTULO 1: A ORIGEM DE UMA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA.....	20
1.1 -História de Pelotas.....	20
1.1.1 -A origem urbana da Princesa do Sul.....	20
1.1.2- Charqueadas.....	25
1.1.2.1 - A estrutura de uma produção saladeril.....	25
1.1.2.2 - Uma indústria do charque de muitas proezas, tanto fonte econômica quanto de acréscimo social.....	26
1.2- Museu Municipal Parque da Baronesa: parte de uma representação da áurea Pelotas.....	31
1.2.1 - Localização do Museu Municipal Parque da Baronesa.....	32
1.2.2 - História da família Antunes Maciel.....	33
1.2.3 - Criação/ Formação do MMPB.....	35
1.2.3.1 – Períodos importantes na gestão do MMPB.....	36
1.2.3.2 - Administradores do MMPB desde sua abertura até os dias de hoje.....	37
1.2.3.3 – Gestão de 2005-2009.....	37
CAPÍTULO 2: DO CONCEITO A APLICABILIDADE.....	40
2.1 – O princípio e a conseqüente ocorrência da educação nos museus brasileiros.....	40
2.2 - A educação no Museu Municipal Parque da Baronesa.....	43
2.2.1 - Conceito de ação educativa para o Museu Municipal Parque da Baronesa.....	43
2.2.1.1 – Suportes de divulgação do Museu da Baronesa.....	44
2.2.2 - Ações educativas desenvolvidas no MMPB.....	50

2.2.2.1 – Educação Patrimonial – uma metodologia aplicada por conceito.....	51
2.2.2.2 – Cartilha _ Amelinha.....	54
2.2.2.3 – Caderno Pedagógico.....	55
2.2.2.4 – Projeto de exposições temporárias com cunho educativo.....	58
2.2.3 – Monitoria/Guia_ uma fonte de diálogo e apreensão.....	60
2.3 - O público e o Museu da Baronesa.....	71
2.3.1 – Público: o que da vida ao museu.....	71
2.3.2 – Comunicação entre o museu e seu público.....	72
Considerações finais	82
Fontes primárias	88
Referências bibliográficas	89
Apêndice 1: Questionário da pesquisa de público.....	92

Introdução

Este trabalho de conclusão de curso pretende compreender o conceito de educação em museus e como este foi aplicado em um museu da cidade de Pelotas, o Museu Municipal Parque da Baronesa, no decorrer de quatro anos, 2005-2009.

Pretende-se avaliar o entendimento do conceito de ação educativa para a referida instituição, visto que o desenvolvimento de projetos educacionais em museus está adquirindo maior visibilidade em âmbito nacional¹, pois os profissionais da área cada vez mais tomam consciência da importância do papel educativo das instituições museológicas. Tendo isto em mente, pretende-se responder como são aplicados os métodos de ação educativa no MMPB.

O museu da Baronesa é considerado um dos mais importantes na cidade de Pelotas, - em razão de ser um dos mais antigos, estando aberto há vinte e oito anos, como também por já possuir um vínculo com uma parcela da sociedade pelotense. Esta instituição museal é considerada uma representação da cidade na época de seu apogeu econômico, social e cultural, a qual pode também ser considerada um reflexo do estado do Rio Grande do Sul neste mesmo período de desenvolvimento cultural do município.

Ao Museu Municipal Parque da Baronesa, muitas vezes é atribuído o título de “museu da cidade de Pelotas”, porque a população o caracteriza como representativo da cidade, já que ele conta um pedaço da sua história, sendo esta demarcada pelos grandes estancieiros, produtores de charque, elencando os membros da elite mais destacados, ratificando o apogeu da cidade, bem como a sua riqueza.

Em razão disso a preservação tanto de conhecimentos, quanto de memórias é importante, pois traz a luz estes dados a novos públicos, possibilitando a formação de um novo elo identitário entre museu e visitante, sendo a educação um meio de possibilitar esse processo.

A discussão proposta por esse trabalho visa, também, demonstrar a importância dos visitantes nos museus, mas primordialmente o que a mencionada instituição faz para que essa presença se de forma contínua e não esporádica, para que haja realmente um trabalho

¹ Tendo como aporte teórico os documentos de referência para a museologia contemporânea, as chamadas “Cartas Patrimoniais”, as quais desde 1958, com o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, no Rio de Janeiro, vêm mencionado o fator educacional dos museus.

de educação sendo desenvolvido na instituição museal em prol do seu público visível², como também na tentativa de abranger o não público³.

Tal interesse por esta abordagem desenvolvi em uma disciplina do Curso de Bacharelado em Museologia, a qual intitulou-se: “Ação Cultural e Educação em Museus”, por nesta serem tratados diversos âmbitos culturais em museus, sendo estes pautados na educação como suporte de desenvolvimento, conservação e comunicação, tanto de conhecimento quanto de memória.

Uma motivação que vai além das funções básicas, porém essenciais, dos museus, estes não são somente espaços em que se guarda, conserva, expõe e comunica memórias, mas também instigam, despertam interesse e relativizam lembranças de forma a gerar novos questionamentos, proposições, representações a seus visitantes. Tornando o indivíduo parte integrante daquele espaço, fazendo com que o intangível seja visto e sustentado por meio de suas representações.

Para discorrer sobre tal assunto, ter-se-á como fonte teórica autores que discorrem sobre ação educativa em museus e que utilizem a educação como meio de inclusão social. Ao se falar em educação em museus serão utilizados parâmetros conceituais da autora Maria Célia Santos e ao discorrer sobre ação educativa recorrer-se-á à Magaly Cabral.

Levando em consideração as categorias de análise, e definições dos conceitos de museus e de educação em museus, abordado pela primeira autora mencionada, obtém-se o entendimento que estes significam:

A educação em museus pode ser considerada como qualquer “ação” que venha a somar as informações transmitidas pela instituição museal a seus visitantes, propondo questionamentos que possam gerar novas reflexões, articulando pensamentos e atitudes.

Entende-se os museus como “agentes de inclusão e transformação social”, e que a educação é um meio de realizar este trabalho. Tendo como base os argumentos da autora

² Sendo este considerado como os visitantes que se vê freqüentando a instituição museal.

³ Este pode ser considerado um público possível, como as pessoas que param na frente do museu, mas ou não demonstram interesse ou não sentem-se convidadas a entrar na instituição. Tendo como fonte anotações, pessoais da autora deste trabalho, realizadas no decorrer da disciplina “História dos Museus”, ministrada pelo Prof. Diego Lemos Ribeiro, no ano de 2008.

SANTOS, explicitados em seu livro “Encontros museológicos 4: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu” (2008), compreende-se que a ação museológica é uma ação educativa e de comunicação, e que deve assumir um compromisso social para com os visitantes de museus, pois há capacidade de agir e refletir sobre a realidade.

Os argumentos acima citados dialogam com os de CABRAL, a referida autora aborda em seu texto “Parcerias em Educação e Museus” ⁴ (2005), que a educação em museus deve ser realizada através de parcerias, sejam elas “internas ou externas” ⁵ à instituição museal. Sendo o seu público um pólo imprescindível de ligação. E que os resultados desta conduzam para que a relação museu / público atue em consonância, sendo o visitante um sujeito ativo na construção do ideário museal.

Com isto em mente, nota-se a importância do desenvolvimento de ações museológicas nos museus contemporâneos, pois a função social, participação- diálogo com o público, a comunidade- dos mesmos torna-se a cada dia mais visível⁶, como também a necessidade de os mesmos atuarem como fontes de difusão de educação, conseqüentemente como agentes de transformação e inclusão social.

O trabalho será dividido em dois capítulos:

No primeiro capítulo será abordado à história do Museu Municipal Parque da Baronesa como: breve contextualização histórica da cidade, localização da propriedade, história da família e formação do MMPB.

No segundo, e último capítulo, serão lançados os resultados das propostas iniciais, as quais têm por objetivo geral analisar os recursos educacionais utilizados pela instituição e entender o conceito de ação educativa utilizado pela mesma.

O método utilizado para o desenvolvimento deste trabalho denomina-se trabalho de campo, caracterizado pelo ato de se inserir na instituição de pesquisa. Através deste método

⁴ Texto apresentado por Magaly Cabral e Marília Xavier Cury, na conferência Anual do CECA/ICOM, em Banská Stiavnica/Bratislava, Eslováquia, de 17 a 23 de setembro de 2005.

⁵ Ao falar-se em parcerias internas entende-se por uma inter-relação no próprio museu, entre os diversos setores e profissionais que compõe seu quadro funcional. Quanto às externas, entende-se por estabelecer parcerias com outras instituições, bem como profissionais, já que o museu é considerado uma instituição interdisciplinar, ou ao menos deveria ser assim considerado.

⁶ Tendo como aporte teórico os documentos de referência para a museologia contemporânea, as chamadas “Cartas Patrimoniais”, as quais desde 1958, com o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, no Rio de Janeiro, vêem mencionado o fator educacional dos museus.

levantou-se os dados por meio de uma entrevista com a diretora do museu, gestão de 2005-2009; com a responsável pelo setor educativo da instituição no mesmo período; no arrolamento de documentos administrativos e em uma pesquisa de público.

As entrevistas foram feitas por e-mail, - visto conflitos de horário para realização das mesmas pessoalmente-, pelo qual se enviou o roteiro, sendo este estruturado. Obteve-se a resposta da diretora do MMPB, Annelise Montone, e da responsável pelo setor educativo, Jezuina Schwanz, respectivamente nos dias, 29/05/2010 e 30/05/2010.

A pesquisa nos documentos administrativos consistiu em analisar: três projetos de exposição com cunho educativo; um caderno pedagógico criado pela equipe do MMPB; uma cartilha que conta a história do museu, utilizada no desenvolvimento da educação patrimonial; um edital de projeto de fomento e os suportes de divulgação da instituição.

Para obter os dados quanto à resposta do público aos suportes de divulgação da referida instituição, realizou-se, como já fora mencionado, uma pesquisa de público a qual abarcou cinquenta visitantes do MMPB, no dia de sua reabertura, após este estar fechado por um mês para sua revitalização interna.

A realização da pesquisa de público ocorreu no dia 25/04/2010, em um domingo, deu-se, como já fora mencionado anteriormente, em razão de a instituição museal estar fechada há um mês e crer que o dia de sua reabertura teria muita influência na demanda dos visitantes, pois haveria um público aleatório, sem considerar os índices já ocorrentes de visitação. Levou-se em consideração o fator curiosidade⁷, pela parte dos mesmos, em ver o que estaria modificado no museu o que gerou um elevado número de público no decorrer de quatro horas de abertura do MMPB.

Esta foi desenvolvida através de um questionário criado especificamente para este fim, contemplando, no máximo, seis perguntas, as quais possuíam fácil resposta, já que para respondê-las bastava marcar um “X” nas alternativas citadas no mesmo.

A escolha dos visitantes foi de forma aleatória, para gerar os mais diversos resultados. Em cada grupo de vinte pessoas que entrava para visitar o museu, era escolhido de três a cinco pessoas, de acordo com a possibilidade de abordagem, já que no dia

⁷ Fator pensado pela autora deste trabalho. O qual foi ratificado no desenvolver da pesquisa de público, na qual os visitantes em meio ao preenchimento do questionário comentavam a razão de estarem esperando para fazer a visitação, entre diversas respostas, várias vezes foi-se mencionada à curiosidade como uma delas.

escolhido para aplicar o referido questionário o fluxo de pessoas no museu era bastante intenso.

A abordagem aos visitantes deu-se de forma que alguns escolheram responder propriamente o questionário e outros preferiram que fosse perguntado pelo “entrevistador”, sendo este responsável pelo preenchimento, de acordo com as respostas obtidas pelo visitante.

Considera-se importante lançar esta monografia como Trabalho de Conclusão de Curso, pois este pode ser considerado inédito, tratando-se do tema abordado e do recorte de tempo escolhido para ser realizada tal análise.

Visto que no decorrer dos quatro anos selecionados, 2005-2009, o MMPB desenvolveu um grande avanço tanto na sua função social quanto na sua missão institucional, modificações que estão ancoradas no desenvolvimento do cenário museológico nacional, através das diversas ações da política nacional de museus.

Tendo como um exemplo específico a inserção de estagiários do Curso de Bacharelado em Museologia, da UFPel – Universidade Federal de Pelotas-, no MMPB, os quais deram continuidade ao aperfeiçoamento das tarefas museológicas já desenvolvidas na referida instituição museal, as quais foram iniciadas por estagiários do Curso de História, da mesma instituição de ensino. Vale destacar a parceria formada por ambos os cursos, a qual tinha por base o benefício institucional ao Museu da Baronesa, tratando-se de suas ações museológicas.

Em síntese, este trabalho desenvolveu-se no sentido de entender o que é a educação para o Museu Municipal Parque da Baronesa, compreender como se aplica os métodos de ação educativa e conhecer as formas de comunicação entre o referido museu e o seu público.

CAPÍTULO 1: A ORIGEM DE UMA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA

No primeiro capítulo desta monografia, reservou-se primeiramente um espaço para abordar o surgimento da cidade de Pelotas, bem como a formação do seu centro urbano. Visto que tal origem e ascensão estão associadas à instalação das charqueadas, e sua ocorrente influência econômica, para a sociedade pelotense do século XIX.

Em um segundo momento inicia-se a abordagem ao Museu Municipal Parque da Baronesa, o qual tem como origem os reflexos da formação da história de Pelotas. Levando-se em consideração que os proprietários do Solar da Baronesa, eram charqueadores, e compunham a mencionada sociedade pelotense do século XIX.

1.1 - História de Pelotas

1.1.1 - A origem urbana da Princesa do Sul

A história da cidade começa a ser contada a partir de 1779⁸, logo após a cidade de Rio Grande ter se libertado do domínio espanhol⁹. E com a chegada de José Pinto Martins¹⁰, considerado o primeiro charqueador a se instalar na cidade de Rio Grande, no ano de 1780, em território que hoje pertence à cidade de Pelotas.

Foi no ano de 1810, que o Padre Felício dirigiu-se a cidade do Rio de Janeiro, a pedido da família Antônio dos Anjos, para solicitar as autoridades competentes a criação de uma nova freguesia¹¹.

⁸ MAGALHÃES. 1993.

⁹ Domínio este que durou treze anos, de 1763 a 1779. Seu término ocorreu em razão do Tratado de Santo Ildefonso, o qual define que os portugueses possuíam a posse do território gaúcho, e os espanhóis da Colônia de Sacramento.

¹⁰ “Retirante da seca de 1777 do Ceará”. (MAGALHÃES. 1993: 20)

¹¹ “Era um título de autonomia religiosa, pelo qual o povoado passava a dispor de uma igreja paroquial própria”. (MAGALHÃES. 1993:24)

Dom João VI, príncipe regente de Portugal, só foi sensível ao requerimento dois anos depois. Por alvará de 7 de julho de 1812, erigiu ‘uma nova freguesia colocada no lugar denominado Pelotas’. A freguesia receberia o nome de São Francisco de Paula, mas isso segundo um edital eclesiástico de 18 de agosto, assinado pelo bispo dom Caetano Coutinho.

(MAGALHÃES. 1993: 25)

Pelotas é elevada a condição de freguesia no ano de 1812, e começou a estruturar o que seria considerado o seu centro urbano, visto que na época¹² a construção, e localização, da igreja era o que denominava tal fato.

Apresentaram-se três alternativas: situar o templo no Laranjal, nas terras da já então viúva dona Isabel Francisca da Silveira, cognominada ‘Dona Isabel de Pelotas’; na lomba onde está hoje o Instituto Nossa Senhora da Conceição (Asilo de Órfãos), a qual, observe-se, na direção norte-sul situa-se na mesma altura daquela que seria a principal praça da cidade a partir da segunda metade do século XIX; ou no lugar onde se edificou, o mesmo em que se ergue agora a Catedral. (MAGALHÃES. 1993:25)

¹² “Pelo menos no Brasil e na América Espanhola-, em torno da igreja é que se ergueriam a praça, as melhores casas, a administração”. (MAGALHÃES. 199:25)

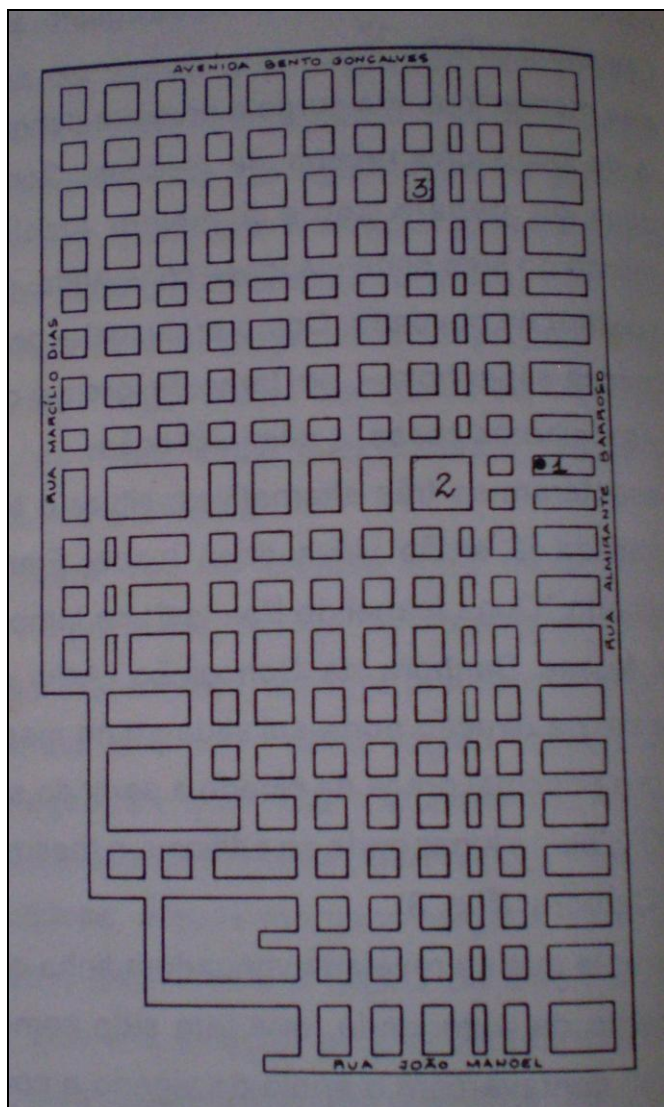


Figura 1: Imagem dos três pontos de localização para a construção da igreja
Ponto 1: Instituto Nossa Senhora da Conceição; Ponto 2: Praça Cel. Pedro Osório; Ponto 3:
Catedral de São Francisco de Paula.
(Fonte: MAGALHÃES, 1993:26)

Passando-se um ano após a proposta das alternativas, o capitão-mor¹³, Antônio Francisco dos Anjos, com o apoio do vigário, “ambos por iniciativa própria ‘sem esperarem por decisão final’ deram início às obras da igreja”. (MAGALHÃES, 1993:25). Sendo no ano de 1815, concluída a medição das dezenove ruas, as quais permeavam o entorno da paróquia, até então, delimitando o centro urbano da Freguesia de São Francisco de Paula.

¹³ “Os capitães-mores eram escolhidos pelas câmaras entre as pessoas residentes nas comarcas; e mandava o Regimento de 1570 ‘que se elegessem pessoas principais da terra que tivesse partes e qualidades para os ditos cargos’”. (MAGALHÃES, 1993:55. Nota 18)

O terreno em questão era pertencente ao referido capitão-mor, o qual o loteou em áreas quadradas, criando assim, um conjunto de ruas paralelas e transversais entre si, “construindo uma espécie de quadrado, em quase perfeito xadrez, que se mantém até hoje e que serviu de padrão, pelo tempo a fora, para todos os outros quarteirões do centro da cidade”¹⁴.

Em 1832 é elevada a condição de vila, adquirindo o nome de Pelotas, - em razão das embarcações, feitas de couro e madeira, que os escravos confeccionavam e utilizavam para transportar o charque de um lado para outro do arroio.

É quando Dona Mariana Eufrásia da Silveira resolve dispor de suas propriedades, tendo como exemplo o ato de Antônio dos Anjos, resultando assim em um acréscimo no número de ruas na então “Vila de Pelotas”, as quais foram indo em direção ao Canal São Gonçalo. Observa-se que desde 1832, a Cidade de Pelotas¹⁵ já possui sua configuração urbana - plana e em lotes-, estabelecida, sem grandes alterações.

Dado ao crescimento populacional, como também a demanda de construções nos mencionados lotes, realizou-se um deslocamento do eixo central da cidade, visto que na época este deveria corresponder, quase que matematicamente, ao ponto central de todo território urbano.

¹⁴ MAGALHÃES, 1993: 27.

¹⁵ Sendo no ano de 1835 a *Vila de Pelotas* elevada a condição de *Cidade de Pelotas*.

1.1.2 – Charqueadas

1.1.2.1 - A estrutura de uma produção saladeril

A escolha dos pampas gaúchos deu-se por esta região ser favorecida geograficamente para tal façanha, a produção do charque, pois possuía condições favoráveis para criação do gado, salve raras exceções, e o desenvolvimento da produção saladeril, já que o Arroio Pelotas e o Canal São Gonçalo, além de banhar o município, serviam de facilitador para o manuseio e desenvolvimento dos processos de produção do charque – bem como de outros insumos oriundos da mesma matéria-prima, o gado¹⁶ - como também de rotas comerciais, nas quais era escoada toda a produção¹⁷.

José Pinto Martins era português, natural de Meixomel, bispado do Porto e tinha vivido no Ceará, onde exercia a profissão de fabricante de carne-seca”. “Ao se instalar às margens do rio Pelotas, em 1779, numa área onde ainda não havia um único núcleo urbano, teve a intuição da importância do lugar, para a futura localização do mais importante centro saladeril do Rio Grande do Sul. (MARQUES. 1990:25)

Logo, demais charqueadas foram sendo instaladas, até os primeiros trinta anos do século XIX. MAGALHÃES relata que: “Quanto a números, não há uma definição precisa: pode ter havido em Pelotas um mínimo de 18 e um máximo de 40 charqueadas [...]”¹⁸ e que “cada uma das charqueadas ocupava em média oitenta escravos, o que permitia estimar em pouco além de 3 mil, no máximo, o contingente da população servil”¹⁹.

As charqueadas possuíam diferentes características, MARQUES relata que “Uma charqueada primitiva compreendia um conjunto de edificações: o galpão de charquear, o armazém de depósito, a graxeira, a ‘barraca’ de couros, a casa do capataz e dos caixeiros, a senzala e, muitas vezes, a residência do dono”²⁰.

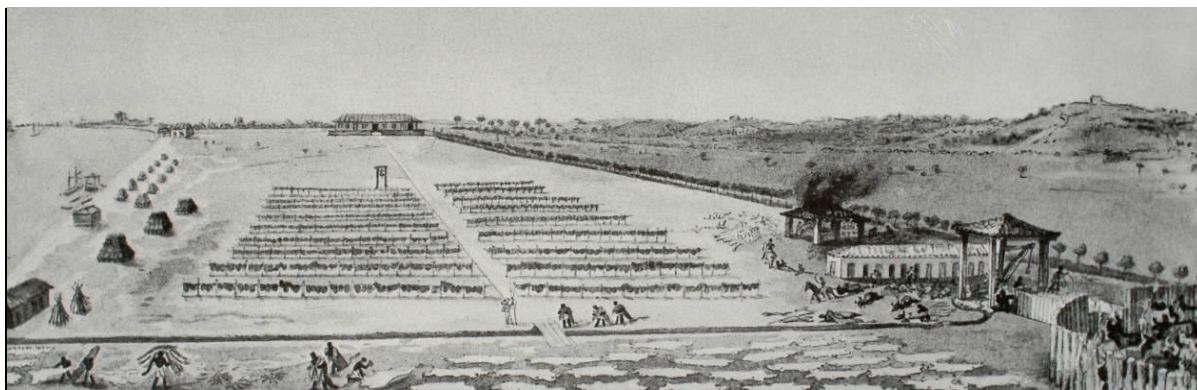
¹⁶ Do qual se aproveitava tudo: o couro, o pó dos ossos para fertilizante, o sangue para gelatina, a língua defumada, os chifres para várias utilidades. Esses produtos eram exportados para toda a Europa e os Estados Unidos.

¹⁷ Tendo como fonte anotações, pessoais da autora deste trabalho, realizadas no decorrer da disciplina “História de Pelotas”, ministrada pelo Prof. Mário Osório Magalhães, no ano de 2007.

¹⁸ MAGALHÃES, 1993:31

¹⁹ MAGALHÃES, 1993:33

²⁰ MARQUES, 1990:43



**Figura 3: Visão geral de uma estância de produção de charque e couros, registrada por Jean-Baptiste Debret em 1824 (DEBRET, 1978).
(Fonte: TORRES, 2010:37)**

Com o progresso vieram as construções mais definitivas, mais sólidas e mais bem- acabadas.

O arquiteto e historiógrafo Prof. Francisco Riopardense de Macedo estudou as características de uma charqueada antiga de Pelotas, a ‘Charqueada São João’, cujo prédio reunia todas as funções do estabelecimento, inclusive as sociais e íntimas da residência do proprietário, com os requintes de uma construção elegante e de bom gosto. (MARQUES, 1990:43)

1.1.2.2 –... Uma indústria do charque de muitas proezas, tanto fonte econômica quanto de acréscimo social

A partir da iniciativa de José Pinto Martins em instalar, a que pode ser considerada, a primeira charqueada na região Sul da província, no ano de 1780²¹, constata-se que tal ato demonstrou determinada coragem, como também ousadia, vamos por assim dizer, já que tal fato acarretou em uma mudança tanto no parâmetro econômico quanto social desta região, sem mencionar que este pode também ser considerado o estopim para o desenvolvimento urbano da mesma.

Após vinte e oito anos de criação da Freguesia de São Francisco de Paula, em meados de 1830, esta possuía cerca de vinte e duas charqueadas, localizadas às margens do Arroio Pelotas, Canal São Gonçalo e Santa Bárbara, criando no município um centro de desenvolvimento econômico baseado na indústria saladeril.

²¹ MAGALHÃES, 1993.

Por efeito da eclosão da Revolução Farroupilha, no mesmo ano em que Pelotas ganha o status de cidade, 1835, a produção de charque da cidade fica um pouco estagnada, em razão dos charqueadores terem que transferir seus negócios para as estâncias que possuíam no Uruguai.

Terminada a guerra dos farrapos, dez anos após sua eclosão, o ritmo econômico da cidade começa a se estabilizar, é quando o Barão de Caxias - o futuro Duque de Caxias, presidente da província e comandante das tropas imperiais que fez um acordo de paz com os farrapos -, decide reorganizar a estrutura administrativa da cidade, mandando abrir a Câmara Municipal.

Após 1845, houve uma aceleração do desenvolvimento urbano na cidade de Pelotas. O final da primeira metade do século XIX e o início de sua segunda metade foram de grande importância para este fim, visto que em 1847 fundou-se a Santa Casa de Misericórdia; 1853 criou-se o Mercado Público; 1857 fundou-se um novo hospital, a Sociedade Portuguesa de Beneficência, inicialmente situada na Rua Anchieta com Benjamin Constant, mas transferindo-se em 1861, para o prédio em que se situa na atualidade; a Bibliotheca Pública em 1875, inicialmente em um prédio onde hoje situa-se a SME (Secretaria Municipal de Educação- na rua Gen. Neto) ²², mas sendo transferida em 1880 para o prédio onde localiza-se atualmente, ao redor da Praça Cel. Pedro Osório.

Em síntese: entre os anos 1860 e 1890 a cidade se expandiu de modo considerável, sem paralelo nos decênios anteriores nem nos 30 anos seguintes. Uma prova disso é o índice populacional: pelas estatísticas oficiais, praticamente quintuplicou no período e não chegou a duplicar nos 30 anos seguintes. No perímetro urbano, em 1858 havia 9.055 moradores; em 1872, 21.756; em 1890, 41.591; e em 1920, 82.294 habitantes.

(MAGALHÃES. 1993:108)

Nos idos de 80, não era só para os pelotenses que Pelotas se afigurava a ‘Princesinha do Sul’ daqueles versos originais. Nesse período já chamava a atenção da Província e para a Província, identificada que estava, de um modo especial, com as artes e com as letras, num espécie de desdobramento do seu apogeu econômico-urbano. Mas não menos famosa pelos seus sobrados, os seus monumentos públicos, as suas lojas.

(MAGALHÃES. 1993:106)

²² Tendo como fonte anotações realizadas no decorrer da disciplina “História de Pelotas”, ministrada pelo Prof. Mário Osório Magalhães, no ano de 2007.

O final do século XIX e início do século XX, foi um período em que a elite pelotense desfrutou do apogeu da cidade em razão da opulência econômica oriunda das charqueadas, as quais poderiam ser consideradas “indústrias” ²³, que foram a base de sustentação de uma parcela ímpar de Pelotas.

A partir do início do século XX, o número de charqueadas começam a diminuir e o status da cidade, bem como de seus “benfeitores”. Grandes razões podem ser atribuídas a este fato, uma delas foi o decreto da Lei Áurea, a qual extinguiu os verdadeiros consumidores de charque, que eram os escravos. O outro foi o surgimento de frigoríficos, no ano de 1910, que conseqüentemente, acarretou em um declínio do charque, por não haver mais a necessidade de se salgar a carne, como forma de manter sua conservação, ocasionando o fechamento das charqueadas.

O ano de 1890 – como o de 1860 – funciona aqui, também como um marco e como símbolo. Nessa década a indústria saladeril haverá de entrar em declínio – em nível regional, por causa da Revolução Federalista de 1893, que quase inviabilizou o comércio do gado; em nível mundial, por causa da superação das charqueadas pelos frigoríficos.

As atividades econômicas que nos anos seguintes a substituiriam, em nível local não tiveram força suficiente para sustentar, com a mesma intensidade e o mesmo ímpeto, iguais padrões de prosperidade e riqueza.

(MAGALHÃES. 1993:108, 109)

Uma curiosidade, é que em 1915, um grupo fundador do Banco Europeu, resolveu criar um frigorífico, para abater a concorrência nacional. O mesmo durou apenas alguns anos, após seu fechamento, com o dinheiro resultante de sua venda, estruturam o Grande Hotel, o qual passou a ter grande visibilidade tanto para os pelotenses quanto para os visitantes da cidade de Pelotas.

Considera-se importante fazer uma distinção dos “períodos evolutivos da indústria saladeril no Rio Grande” ²⁴, sendo estes baseados nas delimitações feitas por MARQUES, em seu livro “Evolução das charqueadas Rio-Grandenses” (1990).

- 1º Período – As charqueadas pré-industriais: as charqueadas eram isoladas e dispersas; produziam em pequenas quantidades; estabeleciam-se no litoral, em Palmares do

²³ Termo utilizado pela autora deste trabalho, por entender que a produção do charque dava-se em grande escala e possuía setores de produção distintos, os quais abarcavam o processo da produção saladeril.

²⁴ MARQUES, 1990:27

Sul e as margens do Guaíba; compreendem até meados de 1779, provando que ainda não eram importantes para a economia do Rio Grande.

- 2º Período – As charqueadas de Pelotas – a partir de 1780, com a impulsão de José Pinto Martins; ocorreu a ampliação do mercado consumidor do charque; estabeleciam-se nas margens dos arroios e dos canais da cidade; exercia influência sobre a economia do estado.

- 3º Período – As charqueadas do interior – em 1878, com a fundação da ‘Charqueada do Paredão’, em Cachoeira do Sul; até então Pelotas sediava todas charqueadas industriais dedicadas à exportação; depois desta surgiram outras charqueadas no interior; foi o período áureo do charque e se estendeu até meados da primeira década do século XX.

- 4º Período – O advento dos frigoríficos – deu-se junto com o aparecimento de fábricas de conserva enlatadas; ocorrentes a partir de 1917; o primeiro frigorífico do Rio Grande foi o ‘Cia. Swift’, no porto de Rio Grande.

- 5º Período – O declínio do charque – as charqueadas foram dando lugar aos matadouros-frigoríficos e algumas fábricas de conservas; ocorrência do aumento populacional e da falta de carne para a indústria; valorização da produção agrícola; lavoura empresarial sobrepõe à produção agrícola colonial; exportação começa a declinar.

Na segunda década do século XX, na cidade de Pelotas restavam ainda cinco charqueadas: (I) São Gonçalo; (II) São João; (III) Moreira; (IV) Fragata e (V) Marciano. Como também já havia um frigorífico instalado na referida cidade, o ‘Cia Frigorífica Rio Grande’.²⁵

Em Pelotas, como já fora mencionado, situaram-se inúmeras charqueadas, dentre estas, três ainda, nos dias de hoje, possuem suas estruturas edificadas, sendo elas:

- Charqueada São João (1810)

Localizada às margens do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo. Teve como seu primeiro proprietário Antônio José Gonçalves Chaves.

²⁵ MARQUES. 1990:32



Figura 4: Fachada da Charqueada São João
(Fonte: www.charqueadasaojoao.com.br)

- Charqueada Boa Vista (1811)

Foi fundada por José Inácio Bernardes. Situada no berço da cidade de Pelotas, a Charqueada, ao longo de seus quase 200 anos, passou por inúmeros proprietários. Foi na Charqueada Boa Vista que, por volta de 1878, o Coronel Pedro Osório iniciou sua aprendizagem de charqueador. Localiza-se a seis quilômetros do centro da cidade.



Figura 5: Fachada da Charqueada Boa Vista
(Fonte: www.charqueadaboavista.com.br)

- Charqueada Santa Rita (1826)

Localizada, também, às margens do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo. Teve como proprietário Domingos José de Almeida e Inácio Rodrigues Barcellos, o qual era tio da mulher do primeiro charqueador mencionado.



Figura 6: Fachada da Charqueada Santa Rita
(Fonte: www.charqueadasantarita.com.br)

1.2 – Museu Municipal Parque da Baronesa: parte de uma representação da áurea Pelotas



Figura 7: Fachada do Museu Municipal Parque da Baronesa
(Fonte: F. Laureano)

1.2.1 - Localização do Museu Municipal Parque da Baronesa

Situado na Avenida Domingos de Almeida, sob número 1490, no bairro Areal, o Museu Municipal Parque da Baronesa, encontra-se em uma área de renomado destaque da cidade de Pelotas, tanto na época em que a Família Antunes Maciel adquiriu a propriedade, quanto na atualidade.

Como já foi mencionado na primeira parte deste capítulo, as charqueadas localizavam-se próximas ao Canal São Gonçalo e ao Arroio Pelotas. Através do mapa abaixo é possível obter uma visualização da localização exata do, hoje, Museu da Baronesa, em relação ao contexto das localidades das charqueadas existentes na Pelotas do século XIX.

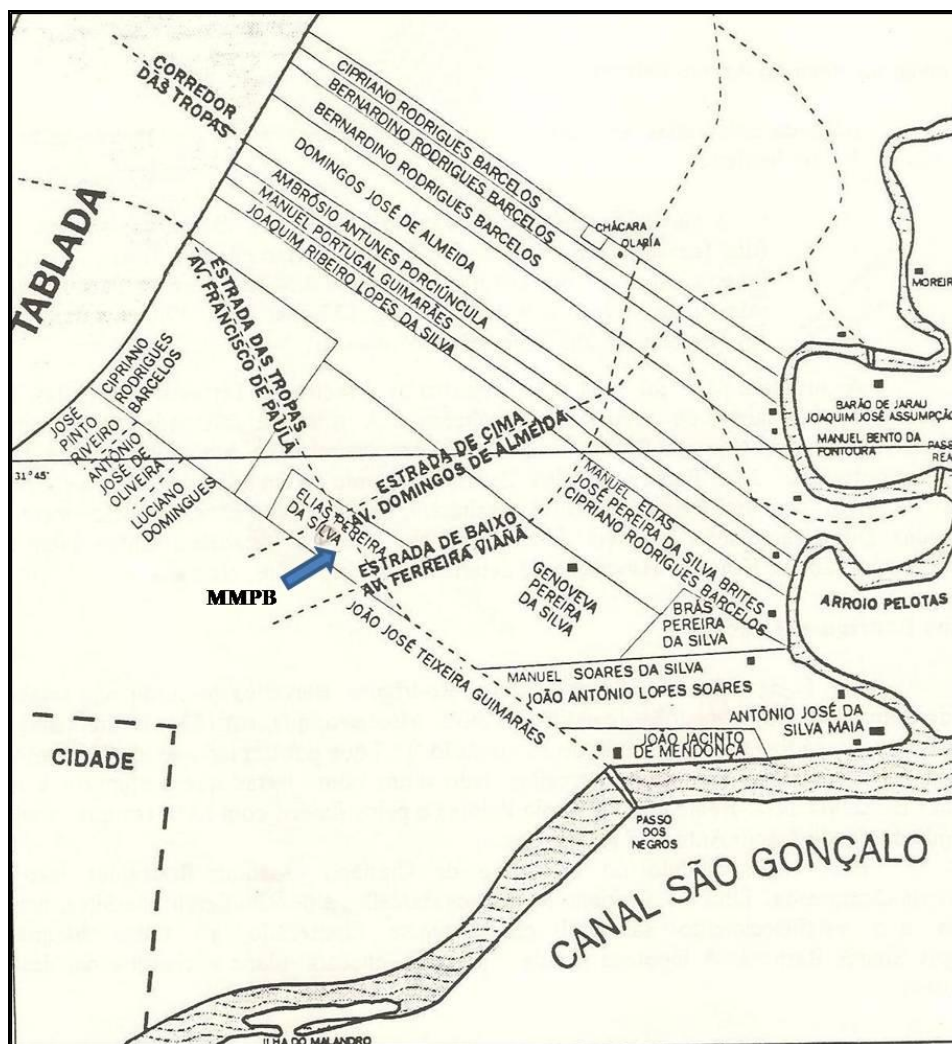


Figura 8: Imagem de um mapa com a localização do MMPB
(Fonte: GUTIERREZ, 1993:144)

O Parque da Baronesa, como muitas vezes ainda é chamado, é situado em uma área de aproximadamente sete hectares, em uma construção de 820 m², com 23 peças e um pátio interno com algibe,- que serviu para abastecer de água o solar -, não muito distante do centro da cidade.

1.2.2 - História da família Antunes Maciel

O terreno do Parque da Baronesa foi adquirido pelo Cel. Annibal Antunes Maciel, no ano de 1863. Tal aquisição foi para servir de residência a seu filho, de mesmo nome, com sua futura esposa, Amélia Hartley de Britto, a qual era filha de um casal de ingleses sócios do Banco de Londres, que possuíam negócios no Rio de Janeiro.

Mais tarde o Sr. Annibal Antunes Maciel receberá o título de Barão de Três Serros, do Imperador D. Pedro II, em razão de ter alforriado seus escravos em 1884, alguns anos antes de ser decretada a Lei Áurea.

A família Antunes Maciel foi construindo e moldando a cada dia a propriedade, em que hoje situa-se o Museu Municipal Parque da Baronesa, incorporando o estilo de vida das famílias da elite local, à arquitetura, o tamanho da casa e o extenso parque que a cerca.

Mas não pode-se deixar de mencionar uma história romântica que compõe o Solar da Baronesa, conta-se que o Barão o construiu com todos atrativos existentes na época, para impressionar os pais de sua noiva que não queriam o casamento de uma descendente inglesa com um morador de uma região tão distante. Menciona-se também, que a área verde que cerca a casa foi feita especialmente para ela, com plantas nativas da Europa, e de regiões que a futura Baronesa gostava para ela sentir-se à vontade, verdadeiramente em casa²⁶.

O casal, Annibal e Amélia, casaram-se no ano de 1864 e tiveram quatorze filhos, dos quais seis faleceram muito jovens.

Mais duas gerações passaram pela casa. Com a morte do Barão, em 1887, a Baronesa ficou mais alguns anos em Pelotas, até decidir residir permanentemente no Rio de Janeiro.

A partir de 1889, uma das filhas do casal, Amélia Aníbal Hartley Maciel – também conhecida como D. Sinhá-, a qual era casada com seu primo, Lourival Antunes Maciel, ficou residindo no Solar da Baronesa. Desta união com Lourival, Amélia teve doze filhos, dos quais seis vieram a falecer.

Por intermédio de cartas, a Baronesa e a filha comunicavam-se seguidamente, nestas eram mencionados trechos de muita afeição, não só uma pela outra, como também por toda a família. Citavam acontecimentos, e “falavam” de suas crenças espirituais, as quais tinham um espaço destinado no Solar, por na família ter católicos e espíritas, a qual nesta última se devotava a Baronesa.

Uma característica, não só do Barão, mas de toda a família Antunes Maciel, era a caridade, a bondade com que tratavam os menos favorecidos, dando alimentos aos necessitados - nas pesquisas realizadas para obtenção de informações sobre esta, sempre foi citado este caráter “social” da família, em querer tratar bem quem não possuía as mesmas condições²⁷.

²⁶ Informações obtidas ao acompanhar uma guia no MMPB.

²⁷ Idem 26.

A última pessoa da família a viver no Solar da Baronesa, foi sua neta, Déa Antunes Maciel, a qual nunca se casou, e vinha com maior frequência a esta residência até a metade do século XX. Mas como era de costume de sua família, passava de abril a outubro no Rio de Janeiro, também por ser a responsável pelos cuidados de sua mãe, a D. Sinhá.

A partir de 1970, passou a vir esporadicamente à cidade de Pelotas, ficando a casa sob os cuidados dos caseiros, já que nenhum descendente da família ainda residia nesta. Sendo então, no ano de 1978, a Chácara da Baronesa, como também já fora chamada, doada ao município de Pelotas.

1.2.3 - Formação do MMPB;

O prédio em que está instalado o Museu Municipal Parque da Baronesa foi doado pela família Antunes Maciel a Pelotas em 1978, através de um convênio firmado com a Prefeitura Municipal de Pelotas, este passou por quatro anos de reformas, que foram orientadas pelo artista plástico e restaurador pelotense Adail Bento Costa.

A instituição museal foi então inaugurada em 25 de abril de 1982 e tombada pelo patrimônio histórico do município em 04 de julho de 1985. Contempla em seu acervo: têxteis, documentos, livros, mobiliários, vestuários e fotografias que fazem alusão a este período de apogeu da cidade de Pelotas. Ou seja, estes objetos representam um pouco dos costumes, da maneira de viver, das famílias abastadas do século XIX.

O Museu Municipal Parque da Baronesa é um dos importantes lugares de preservação da memória da cidade de Pelotas. Ele está contextualizado no final do século XIX e início do século XX, época marcante no passado da cidade, pois faz referência à produção saladeril da mesma.

Por estes motivos desenvolveram uma forma de vida característica, muito ligada aos hábitos europeus, pois viajavam muito para a Europa, o que refletia em suas moradias, suas vestimentas e seus objetos de uso cotidiano, que eram extremamente luxuosos e requintados. Além disso, essas famílias investiram tanto na modernização e no embelezamento da cidade, quanto nas atividades artísticas e intelectuais, ficando conhecidas na Província e no Brasil pelo valor que davam ao teatro, à música e à literatura.

O Museu da Baronesa retrata no seu discurso museal os usos e costumes da elite pelotense do século XIX, a qual é demarcada pelas riquezas provenientes das charqueadas,

que se instalaram na cidade no século XVIII. Pode ser considerado um reflexo da economia e da base sócio-cultural do Município e do Estado da época.

1.2.3.1 – Períodos importantes na gestão do MMPB, desde sua criação até atualidade, sendo estes separados em três momentos distintos:²⁸

1º) 1982 a 1988, período da inauguração até o momento em que, a presidente de honra da AMBAR (Associação de Amigos do Museu da Baronesa), Antoninha Berchon, iniciou sua participação na organização do museu, influenciando os rumos da filosofia da instituição;

2º) 1988 a 2000, o museu assumiu a identidade de um museu de costumes baseado no projeto de Antoninha Berchon;

3º) 2000 a 2004, a direção abriu um enfrentamento com a AMBAR manifestou uma intenção de mudança tanto da exposição quanto da filosofia do museu.

Considera-se importante abordar os períodos mencionados, pois de certa maneira estes constituem o passado institucional do Museu da Baronesa, visto que cada gestão de uma maneira ou de outra contribuiu para o que o museu é na atualidade.

Ao observarmos o primeiro momento, nota-se que a visão passada pelo museu era oriunda de uma determinada pessoa, não quero aqui falar se esta visão estava correta ou não, mas sim dedicar um espaço para registrar que assim era a institucionalização do MMPB em seus primeiros anos de aberto ao público.

No segundo momento, vê-se que apesar de ser oriunda a mesma visão do período anterior, este já possui um foco pré-estabelecido, um discurso a ser transmitido por meio da exposição.

E no último momento, observa-se uma real intenção de transformação, pois a ‘direção’ do museu não cabia mais a uma mesma pessoa, não tinha-se mais a intenção de ter como norte da instituição uma só visão.

²⁸ LEAL. 2007:17.

1.2.3.2 - Administradores do MMPB desde sua abertura até os dias de hoje.

- 1982 - 1983 – Sylvia Pekelman;
- 1983 - 1988 – Ana Lúcia Spinoza Brizolara;
- 1988 – João Luis Guimarães Vasques;
- 1989 – 1992 - Shirley Kratz Vieira;
- 1993 – 1996 – Luciana Araújo Renck Reis;
- 1997 – 1998 - Shirley Kratz Vieira;
- 1998 – 2000 – Jacira Soares;
- 2001- 2004 – Carla Gastaud;
- 2005- 2009 – Annelise Montone.

Observa-se que a última gestão mencionada é a proposta de análise deste trabalho. Mas considerou-se interessante citar os antigos diretores do MMPB, visto que foi através de suas gestões que o museu foi assumindo o caráter que possui na atualidade.

1.2.3.3 – Gestão de 2005-2009

A partir do ano de 2005 iniciou-se uma nova fase institucional no Museu da Baronesa, começou-se a gerenciar a referida instituição museal, sob uma nova perspectiva.

Através da entrevista concedida pela diretora do MMPB, Annelise Costa Montone²⁹, no dia 29/05/2010, perguntou-se a mesma como a mesma caracterizaria a sua gestão, quais apontamentos institucionais destacaram-se a seu ver, no decorrer destes quatro anos³⁰. Tomou-se conhecimento que diversas ações foram planejadas, e algumas delas executadas com êxito.

²⁹Administradora e Arquiteta e Urbanista, com especialização em Preservação do Patrimônio Arquitetônico e Urbano/UFPel, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH/UFPel.

³⁰ Considerou-se importante abranger estes apontamentos sob a perspectiva da diretora do museu, para assim poder realizar uma rápida descrição da sua gestão, 2005-2009.

No ano de 2006 o museu foi selecionado no edital ‘Adoção de Entidades Culturais’, o qual proporcionou a revitalização da reserva técnica e a qualificação da documentação museológica³¹.

Também foi aprovado no edital de Modernização de Museus do IPHAN, um projeto de educação patrimonial. Nesse período (2008/2009) aconteceram diversas atividades educativas, um curso para formação de professores da rede municipal e a elaboração de um livro infantil sobre o museu. Os recursos do projeto não foram utilizados por perda de prazos estipulados no contrato. O livro será publicado no site do museu no mês de junho do corrente ano ³².

A diretora destaca a participação dos alunos³³ do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel – Universidade Federal de Pelotas-, os quais atuam em todas as atividades desenvolvidas na instituição. Porém ressalta que “um dos grandes entraves na gestão do museu é a falta de uma equipe que dê continuidade aos projetos”.

A partir de 2008 houve captação de recursos para o projeto de restauração de peças do acervo, proposto pela empresa Restauratus e aprovado pela Lei de Incentivo Federal (Ministério da Cultura). O trabalho, em andamento, envolve a restauração de 63 leques, 17 peças de mobiliário dourado, 04 pinturas de cavalete e uma pintura mural ³⁴.

Considera-se importante observar que a atividade em andamento, descrita no trecho da entrevista acima, ocorre no ano de 2010, mas que a sua intenção já havia sido projetada ainda em 2008, ano que engloba o recorte temporal da gestão do MMPB a ser analisada.

Neste mesmo contexto, fez-se o mesmo questionamento proposto a diretora do MMPB, à antiga responsável pelo setor educativo do museu, Jezuina Kohls Schwanz³⁵. A mesma responde:

³¹ Todo acervo inventariado está digitalizado e as fichas catalográficas digitalizadas.

³² Trecho da entrevistada, com a diretora do MMPB, Annelise Montone, concedida no dia 29/05/2010.

³³ Giovana Marcon, Luciana Cardoso e Rafael Zitzke. Iniciam no MMPB, como estagiários voluntários, e após algum tempo tornam-se estagiários contratados da Prefeitura Municipal de Pelotas, para continuarem a estagiar na referida instituição.

³⁴ Idem 32.

³⁵ Pedagoga, especialista em Memória e Identidade, Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Acredito ter levado uma perspectiva nova ao museu em termos educativos, o Museu conta com uma diretora extremamente competente e esforçada, mas é preciso que este conte com uma equipe especializada para atuar nas mais diversas áreas. Varias ações já foram feitas por outros gestores no museu, mas acredito que o que difere o meu trabalho dos outros dá-se devido a minha formação específica ³⁶.

Jezuina trabalhou no museu de dezembro de 2007 até novembro de 2009. E enfatiza, na entrevista concedida, que “infelizmente devido à intolerância por parte da administração da Secretaria de Cultura dessa cidade, tive que optar por me exonerar do cargo publico para assumir o mestrado, também na área de patrimônio, e que tem como objeto o MMPB”.

De uma forma mais ampla, a antiga pedagoga do MMPB destaca, neste período de sua gestão:

A motivação da equipe de funcionários e estagiários do museu que durante todo o tempo mostrou-se engajada em todas as atividades propostas; a diversidade das atividades e a movimentação nas exposições de curta duração. Sem deixar de lembrar do material didático desenvolvido ³⁷.

³⁶ Trecho da entrevista com a responsável pelo Setor Educativo do MMPB, no período de 2007 a 2009, Jezuina Kohls Schwanz, concedida no dia 30/05/2010.

³⁷ Idem 36.

CAPÍTULO 2: DO CONCEITO A APLICABILIDADE

No segundo, e último, capítulo desta monografia, abordou-se o objeto desta pesquisa, o qual compreende a educação no Museu Municipal Parque da Baronesa. Inicialmente realizou-se uma contextualização da educação nos museus brasileiros, para logo começar a abordá-la em específico na referida instituição museal.

Ao abordar em específico a educação no Museu da Baronesa, dividiu-se esta em dois tópicos principais: (i) o conceito da ação educativa para a instituição; (ii) as ações desenvolvidas.

Obtendo o entendimento do conceito e da aplicabilidade das ações educativas na referida instituição museal da cidade de Pelotas, realizou-se uma pesquisa de público, para compreender como se dá a comunicação entre o museu e seu público, visto a significativa importância que ambos possuem em uma instituição museológica.

2.1- O princípio e a conseqüente ocorrência da educação nos museus brasileiros

Levando em consideração as diferentes visões sobre educação, vemos que nos museus do século XVI até início do século XIX, os programas educativos e culturais eram praticamente inexistentes nas instituições. E que em meados do século XIX, e a primeira metade do século XX, o discurso educativo proposto era nacionalista e doutrinário.

O surgimento dos Serviços Educativos, cuja expansão se efectua essencialmente a seguir à II Guerra Mundial, está inicialmente associada a uma gradual tomada de consciência da função do objecto e do discurso museológico em que se insere, como suportes materiais de significados e idéias e como meios de comunicação e interação com o público visitante, constituindo hoje uma plataforma onde interagem a escola, os profissionais dos museus e a sociedade no sentido mais plural do termo, na perspectiva do exercício de novas práticas sociais, culturais e de participação cívica.

(AZEVEDO:17)

O primeiro documento elaborado tratando especificamente da educação em museus resultou do Seminário Regional da UNESCO, sobre a função educativa dos museus, em 1958, na cidade do Rio de Janeiro. Tal documento- Declaração do Rio de Janeiro – tinha por finalidade tornar o museu mais dinâmico dentro da sociedade, e ressaltar que a interdisciplinaridade entre os diversos profissionais que trabalham em museus – curadores, conservadores, pedagogos- era um fator de suma importância para a ocorrência da educação em uma instituição museológica.

No início dos anos 60 o Comité para a Educação do ICOM entrou em ruptura, devido a divergências ideológicas com setores mais tradicionalistas do ICOM. Depois da sua dissolução, em 1963 é criado o Comité para a Educação e Acção Cultural (CECA), que lança as raízes duma visão mais actual da educação nos museus. (AZEVEDO:17)

A grande diferença dá-se com a inserção da nova museologia, criada na década de 70 do século XX, que alterou a forma com que o espaço/ gestão dos museus, devem se relacionar com o público pelo menos nas instituições em que os trabalhadores seguem esta linha teórica, pois sabe-se que na prática não são todos os museus que seguem este pensamento, que tem como foco a própria comunidade, fazer com que esta sintam-se parte ativa na instituição museal. Tais reflexões, - sobre a forma e/ou perspectivas dos museus-, foram geradas através da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, da qual se elaborou um documento que pode ser considerado o precursor do pensamento da museologia da atualidade.

A partir dessa nova perspectiva começou-se a elaborar novos meios de inserção do público, por meio da ação educativa. Diversos autores postaram-se em relação a esta nova abordagem, como Maria Célia Teixeira Moura Santos. Passou-se a acreditar que sem público não existe museu, e que a participação do mesmo na construção do discurso museal é de suma importância, trazendo em voga os princípios definidos no documento de 1984 – Declaração de Quebec.

Em 1992 foi organizado o documento denominado Declaração de Caracas, a qual define que a missão do museu é o norte a ser seguido pela instituição museal, e que o discurso a ser construído tem que ser democrático, dar acesso a informação aberta e participativa. Levando em consideração o meio social em que se encontra o museu, o que deve ser considerado como fonte de análise para o discurso museal, o qual deve ser

desenvolvido em conjunto com a comunidade, visando uma maior representatividade e construção do elo identitário entre o museu e seu visitante, tornando estas duas esferas um meio comum de construir e difundir a educação nos museus.

A nova museologia enquanto nova corrente de pensamento institui a participação ativa das comunidades envolvidas com os museus – as quais esses devem representar – desde os processos de gestão, tais quais: aquisição de acervos, processos de comunicação, entre outros. Tendo a figura do museólogo, ou do profissional de museu, como mediador dessa relação museu e sociedade/comunidade, que torna-se a cada dia mais importante.

Observa-se que no decorrer destes cinquenta e dois anos – de 1958 a 2010, desde a criação da Declaração do Rio de Janeiro-, a preocupação do museu como instituição educadora, estando esta em discussão e em plena ascensão. No decorrer das décadas de 70, 80, 90, até os dias atuais, este é um assunto que vem sendo discutido e de certa forma aprimorado, para atender as expectativas da sociedade pelo Estatuto dos Museus, sob a Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

De uma forma mais intensa o contexto educacional dos museus começou a ser discutido pela ‘sociedade’ museológica em meados da segunda metade do século XX. Por meio destes diálogos, formularam-se documentos institucionais, os quais podem ser considerados a base para a formação do pensamento museológico da atualidade. Sendo estes:

- Declaração do Rio de Janeiro – elaborado no Seminário Regional da UNESCO, sediado no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1958, sob o tema ‘Papel educativo dos museus’.
- Mesa Redonda de Santiago do Chile- elaborado no Seminário Regional da UNESCO, sediado no Chile, na cidade de Santiago, no ano de 1972.
- Declaração do México – elaborado na Reunião de Oaxtepec, ocorrida no México, no ano de 1984.
- Declaração de Quebec – elaborado no I Atelier Internacional Ecomuseus, Nova Museologia, sediado no Canadá, em Quebec, no ano de 1984.
- Declaração de Caracas – elaborado no Seminário ‘A missão do Museu na América Latina hoje: novos desafios’, sediado na Venezuela, na cidade de Caracas, no ano de 1992.

2.2 – A educação no Museu Municipal Parque da Baronesa

2.2.1 - Conceito de ação educativa para o Museu Municipal Parque da Baronesa

Ao abordar tal eixo de discussão, considera-se importante utilizar as informações obtidas através da entrevista, com a diretora do MMPB, Annelise Montone. Onde questionou-se a diretora do museu: ‘O que a instituição entende como ação educativa no museu?’, obteve-se como resposta:

Sendo um espaço educador, um local que comunica o seu acervo, entende-se que as ações educativas permeiam todas as atividades do museu, desde o modo de “usá-lo” (não ultrapassar, não tocar, etc) e o motivo da existência de certas normas para visitaç o, o respeito ao local e aos outros que est o visitando, a import ncia da preserva o e por que preservar; a pesquisa para uma exposi o de curta dura o, que vai se transformar em informa es e conhecimentos transmitidos aos visitantes; a maneira de expor os objetos; outros tipos de eventos, como uma audi o musical ou encena o de teatro.³⁸

A partir de tal coloca o, perguntou-se se havia uma fun o educativa na institui o, a diretora aferiu que no momento n o havia um projeto de educa o espec fico sendo desenvolvido.

Todos os grupos agendados e as escolas s o recebidos por monitores que narram as representa es do museu. No entendimento amplo de a o educativa, ela acontece desde a recep o do visitante na portaria, como se portar dentro do museu, etc.

No decorrer de 2008 e 2009 “havia uma pedagoga, concursada, coordenando o projeto de educa o patrimonial”, a qual era tamb m respons vel pelo setor educativo do museu.

Atualmente n o h  um respons vel por esse setor. Consultorias e treinamentos s o eventuais. A parceria entre a Prefeitura e a UFPel/ICH, com o Curso de Museologia vem suprimindo lacunas nesse sentido. Tamb m se procura participar de oficinas oferecidas pelo SEM/RS e pelo IBRAM.³⁹

³⁸ Trechos da entrevistada, com a diretora do MMPB, Annelise Montone, concedida no dia 29/05/2010.

³⁹ Idem 38.

Durante a existência de um setor educativo no Museu da Baronesa, não formulou-se uma política educacional escrita, a qual poderia servir de aporte para o desenvolvimento das atividades educativas na instituição.

Observa-se que as atividades realizadas do MMPB, não só as de âmbito educacional, ocorrem em razão de “um convênio geral entre a Prefeitura e a UFPel, possibilitando que o museu receba estagiários dos cursos de áreas afins”⁴⁰. E que se formula um planejamento geral, das atividades da instituição, o qual é solicitado anualmente pela SECULT.⁴¹

As ações foram realizadas com um planejamento prévio, através de reuniões com a equipe. As atividades específicas de educação patrimonial foram realizadas com atividades lúdicas, voltadas para o público infantil, geralmente em datas do calendário do museu, como Semana de Museus, Semana de Pelotas, Aniversário do Museu, Semana da Criança. Também foram promovidas 03 exposições de curta duração.⁴²

2.2.1.1 – Suportes de divulgação do Museu da Baronesa

Através da pesquisa realizada na instituição museológica em questão, tomou-se conhecimento de seus métodos de divulgação, os quais abrangem: “página na Internet: da cidade e do museu; Secretaria Municipal de Comunicação”⁴³. Como também um folder, o qual é disponibilizado quando o visitante entra no museu para fazer a visitação.

Para melhor exemplificar estes suportes de divulgação, pondera-se interessante elencá-los, logo abaixo:

⁴⁰ Trechos da entrevistada, com a diretora do MMPB, Annelise Montone, concedida no dia 29/05/2010.

⁴¹ Secretaria Municipal de Cultura.

⁴² Idem 40.

⁴³ Idem 40.

- Site da Prefeitura Municipal de Pelotas⁴⁴

Ao acessar o site da Prefeitura da cidade de Pelotas, surge uma tela inicial, a qual tem diversos pontos de visualização, um deles é a ‘cultura’, - localizado na parte esquerda da imagem -, no qual clicando sobre este aparecerá um link para o MMPB, conforme as imagens abaixo.

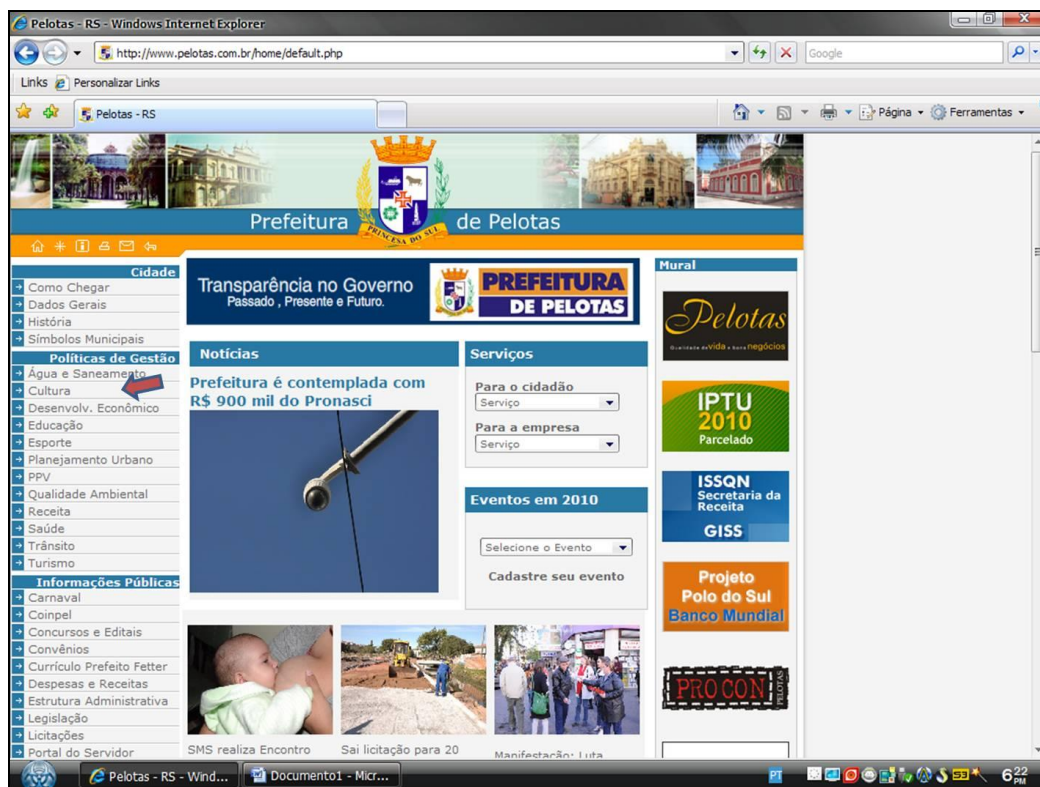


Figura 9: Imagem da página inicial do site da Prefeitura de Pelotas

(Fonte: www.pelotas.com.br)

⁴⁴ www.pelotas.com.br



Figura 10: Imagem do site da Prefeitura de Pelotas, com o link do MMPB

(Fonte: www.pelotas.com.br/cultura)

- Site do Museu da Baronesa⁴⁵

Neste suporte de divulgação são disponibilizadas aos visitantes diversas informações, as quais abrangem o contexto histórico do MMPB, como também a sua inserção na cidade de Pelotas, destacando o período em que a família Antunes Maciel residia na casa, e a contextualizando no século XIX. Aborda-se, também, alguns pontos referentes à função institucional do museu, o acervo que compõe esta instituição museal, bem como a divulgação das ações propostas aos visitantes. Possibilita, também, a realização de uma visita virtual ao Museu da Baronesa.

⁴⁵ www.museudabaronesa.com.br

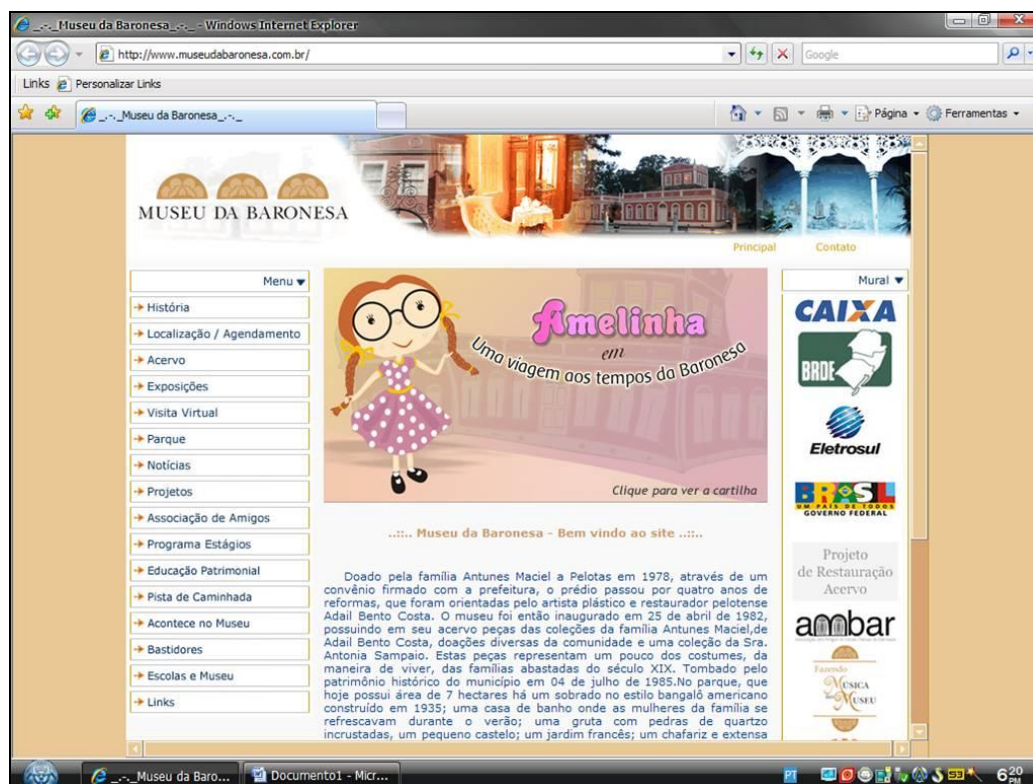


Figura 11: Imagem da página inicial do site do MMPB

(Fonte: www.museudabaronesa.com.br)

- Folder do museu

Ao visitar o MMPB o visitante recebe logo na entrada da instituição, um folder, o qual possui informações sobre a história do Museu da Baronesa, abrangendo a família Antunes Maciel, a contextualizando na história da cidade, neste mesmo período.



Figura 12: Imagem do folder do MMPB

(Fonte: Acervo pessoal)

Ao analisar os suportes de divulgação das ações educativas, tomou-se o conhecimento, através da entrevista realizada com a diretora desta instituição museal, que estes compreendem os meios já citados anteriormente. Formula-se, também, um convite de acordo com o tema da exposição temporária a ser realizada, entretanto nestes não encontram-se citadas, nem descritas, as atividades de cunho educativo que serão realizadas com o público do MMPB.

Observando que foram realizadas três exposições temporárias – as quais serão abordadas mais adiante-, formulou-se, portanto, três suportes de divulgação específicos, sendo estes digitais, ou seja, o referido convite era enviado por e-mail. Sendo estes:



Figura 13: Convite da primeira exposição temporária realizada, com cunho educativo
(Fonte: Museu Municipal Parque da Baronesa)



Figura 14: Convite da segunda exposição temporária realizada, com cunho educativo
(Fonte: Museu Municipal Parque da Baronesa)



**Figura 15: Convite da terceira exposição temporária realizada, com cunho educativo
(Fonte: Museu Municipal Parque da Baronesa)**

Vale ainda destacar a utilização da mídia impressa: jornais e televisiva como suportes de divulgação, visto que o desenvolvimento de toda atividade programada é anunciada a sociedade pelotense através destes meios de comunicação.

2.2.2 - Ações educativas desenvolvidas no MMPB

Considera-se importante obter, também, o conhecimento da visão que o setor educativo do Museu Municipal Parque da Baronesa, tinha por educação em museu. Visto que as atividades desenvolvidas na instituição deveriam ocorrer em consonância, sendo do acordo e do entendimento de toda a equipe do MMPB. Tal compreensão foi possibilitada por intermédio de uma entrevista, com a responsável por este setor no período de 2007 a 2009.

O museu MMPB foi inaugurado em 1982, em uma época onde era considerado como simples depositário de conhecimentos de fatos históricos e que serviria a uma pequena parcela da população elitizada. Hoje, após a nova museologia, vemos o museu como responsável pela transmissão de saberes, o objeto é tido como um documento histórico, digno de diferentes leituras e interpretações. O grande público do museu, atualmente é oriundo de escolas da nossa região que vão ao museu com o intuito de apreenderem sobre a história da cidade. Por isso faz-se necessário voltar o olhar do museu para esse alvo que precisa de exposições mais dinâmicas para ser cativado. Para isso foi fundamental a ampliação da pesquisa histórica para os objetos já existentes ⁴⁶.

2.2.2.1 – Educação Patrimonial – uma metodologia aplicada por conceito

A Educação Patrimonial do Museu da Baronesa foi pautada na elaboração de um ‘Programa de Educação Patrimonial’, o qual foi criado pela equipe do setor educativo do referido museu. Tal instrumento servia de aporte para o desenvolvimento de atividades educativas na instituição.

O referido programa foi fomentado através de um Edital de Modernização de Museus, no ano de 2007, intitulado ‘Memória, Cultura e Inclusão Social: conhecendo o Museu da Baronesa através da educação’. O objetivo deste edital explicitava:

O presente projeto de educação patrimonial constitui-se de um conjunto de ações educativas que tem como intuito revitalizar o espaço do museu, bem como fazer com que a comunidade escolar e local conheça e reconheça o museu como um espaço público e como um bem cultural que faz parte da sua história e que pode ser usufruído por todos.⁴⁷

Considera-se importante fazer uma observação: “a partir deste projeto foram realizados projetos de três exposições temporárias com cunho educacional” ⁴⁸. Os quais serão citados, e abordados, no decorrer deste trabalho.

Após a aprovação do mencionado edital, elaborou-se em março de 2008, o já mencionado ‘Programa de Educação Patrimonial’, o qual tinha por finalidade:

⁴⁶ Trecho da entrevista com a responsável pelo Setor Educativo do MMPB, no período de 2007 a 2009, Jezuina Kohls Schwanz, concedida no dia 30/05/2010.

⁴⁷ Edital de Modernização de Museus; objetivo geral.

⁴⁸ Informação obtida com a diretora do MMPB, Annelise Montone, no momento de análise do Edital de Modernização.

[...] aproximar a comunidade escolar e também a comunidade em geral desse espaço público, contribuindo assim para o fortalecimento da cidadania e para a reconstrução da memória coletiva. Dessa forma, pretende-se que o Museu cumpra sua função, se constituindo em lugar de aprendizagem, lazer, reflexão e inclusão social.⁴⁹.

E por objetivos principais⁵⁰:

- Fomentar atitudes preservacionistas;
- Criar e recuperar o espaço de sociabilidade no museu;
- Fazer com que a comunidade conheça e reconheça a sua herança cultural;
- Criar através de atividades lúdicas, um elo entre escola- comunidade- museu, levando a comunidade em geral a uma nova postura na conservação, valorização e preservação dos bens culturais;
- Recuperar a memória do Bairro Areal e da cidade de Pelotas através do uso de História Oral;
- Montar exposições temporárias criando atrativos para o processo de ensino-aprendizagem, tornando o museu um espaço mais dinâmico.

Tais objetivos seriam alcançados através da utilização de suportes educacionais, como: “cartilha pedagógica; jogos didáticos - pedagógico; folder; cartilha para os professores”⁵¹.

Para a aplicação deste Programa de Educação Patrimonial, considerava-se um público pré-estabelecido, sendo considerado alvo: educadores e educandos da 3ª série da rede pública municipal de ensino; turmas de escolas estaduais e particulares de Pelotas, bem como algumas turmas de cidades vizinhas.

⁴⁹ Programa de Educação Patrimonial – elaborado pela equipe da educação Patrimonial do MMPB.

⁵⁰ Idem 49.

⁵¹ Idem 49.

As ações do programa pretendem ser inclusivas, trabalhando com crianças, jovens e adultos, bem como portadores de necessidades especiais e também incluindo os idosos do bairro em rodas de memória, propiciando assim um reconhecimento da memória da cidade, começando primeiramente com pessoas que moram no entorno do Museu e se expandindo para a comunidade em geral.⁵²

Uma ação desenvolvida consistiu na realização de um Curso de Capacitação de Professores, no dia 09/09/2008, no Museu Municipal Parque da Baronesa, com educadores do ensino público – fundamental e séries iniciais. Porém, no documento analisado, não foram encontradas maiores informações sobre o referido curso, somente as ali registradas. Entretanto, segundo entrevista realizada com Jezuina, obteve-se um relato com tais informações.

O curso de capacitação de professores tem como intuito fazer com que a escola seja parceira do museu antes, durante e depois das atividades realizadas, pois como já mencionei anteriormente, o processo de educação para o patrimônio não deve ser feito pelo museu isoladamente e deve ter uma continuidade para que atinja os objetivos propostos⁵³.

Dentre as perguntas realizadas na entrevista, com a responsável pelo setor educativo da instituição, achou-se pertinente saber: (i) o motivo da escolha do método de Educação Patrimonial; (ii) como era realizada a Educação Patrimonial. A pedagoga em questão relatou:

(i) A Metodologia de Educação Patrimonial é algo relativamente novo no país, e acredito que muita gente utiliza o termo por estar na moda, mas não por saber do que se trata. A Educação Patrimonial deveria ser entendida como um processo continuado de ensino e aprendizagem que tem como foco principal o patrimônio. Prefiro dizer que o que se faz no museu são ações educativas e não EP. Pois embora tenhamos uma proposta de educação continuada, na maioria das vezes ela termina no museu, não atingindo a escola e a comunidade como um todo.

(ii) As ações Educativas no museu começam (prefiro usar o presente, pois estas ações continuam acontecendo) com a pesquisa do público alvo: a quem eu quero atingir com essas ações? Feito isso é necessária uma pesquisa em torno dos objetos que serão utilizados para o processo. Pois apesar de termos uma exposição de longa duração, não podemos eleger todos os objetos para esse processo, pois esse corre o risco de esvaziar-se de sentido. A elaboração de exposições, escolha dos objetos, a mediação nas visitas, desenhando o

⁵² Programa de Educação Patrimonial – elaborado pela equipe da educação Patrimonial do MMPB.

⁵³ Trecho da entrevista com a responsável pelo Setor Educativo do MMPB, no período de 2007 a 2009, Jezuina Kohls Schwanz, concedida no dia 30/05/2010.

patrimônio, contação de histórias e uma visita dialógica fazem parte das ações educativas realizadas no MMPB.

2.2.2.2 – Cartilha Amelinha

A equipe pedagógica do MMPB, em conjunto com a diretora da referida instituição, elaborou uma cartilha pedagógica, a qual aborda a história do Museu da Baronesa, a relacionando com a história da cidade de Pelotas, bem como com as definições e conceitos de patrimônio que aparecem em meio à história.

Tal instrumento “foi produzido através do Convênio nº 11/ 2008, firmado entre a Prefeitura de Pelotas e o IPHAN, referente ao Projeto ‘Memória, Cultura e Inclusão Social: Conhecendo o Museu da Baronesa através da Educação’. Pelo edital de concurso nº 01/ 2007/ 2008 - Modernização de Museus”.⁵⁴

A estrutura deste consiste em uma forma de livreto, contendo no total vinte e quatro páginas, sendo deste número vinte e duas ilustradas, com o conteúdo a ser abordado. Tendo como destaque a boneca ‘Amelinha’, a qual possui ilustrações de forma a parecer estabelecer um diálogo com o leitor, o que chama a atenção principalmente das crianças, em relação do público a qual é destinado tal suporte educacional.

Para melhor compreensão da significação deste suporte educativo perguntou-se a uma das responsáveis por sua elaboração: ‘Como e para que finalidade surgiu a Cartilha Amelinha? A quem ela era destinada?’. A entrevistada, Jezuina Schwans, respondeu:

Prefiro chamar de livro de história infantil e não cartilha, pois o termo cartilha pressupõe que iremos passar um método de ensino e aprendizagem, o que não é a proposta do livrinho. Volto a falar no presente, no momento sou funcionária exonerada da prefeitura de Pelotas, mas espero continuar colaborando com as ações educativas do museu. O livro traz, de uma maneira divertida e colorida a história do museu e o contexto histórico no qual esta inserido. É destinado para diversas faixas etárias, mas foi desenvolvido para o público das 3ª e 4ª series. Mas pode tb servir para aquele visitante curioso que após uma breve visita queira aprofundar-se um pouco mais na história do Museu⁵⁵.

⁵⁴ Informações extraídas da Cartilha Pedagógica do MMPB.

⁵⁵ Trecho da entrevista com a responsável pelo Setor Educativo do MMPB, no período de 2007 a 2009, Jezuina Kohls Schwanz, concedida no dia 30/05/2010.

Considera-se importante observar que o mencionado projeto foi elaborado, mas não foi devidamente editado, pois a SECULT – Secretaria Municipal de Cultura – não pagou a edição e perdeu os prazos estabelecidos no edital. Tal ação impossibilitou a completa realização das atividades educacionais que seriam desenvolvidas com este suporte educativo. Em razão disso, a Cartilha Amelinha encontra-se disponível somente em forma digital, através do site do museu, e não impressa e distribuída aos visitantes, a qual era sua função inicial⁵⁶.



Figura 16: Capa da cartilha Amelinha
(Fonte: Museu Municipal Parque da Baronesa)

2.2.2.3 – Caderno Pedagógico

Criado no ano de 2007, elaborado pela equipe⁵⁷ de educação patrimonial do Museu Municipal Parque da Baronesa, com a finalidade de auxiliar os professores em atividades a

⁵⁶ Informações obtidas através da entrevistada, com a diretora do MMPB, Annelise Montone, concedida no dia 29/05/2010.

⁵⁷ A qual era formada por uma pedagoga. Cinco estagiárias do curso de Bacharelado em Museologia e três estagiárias do curso de Artes.

serem desenvolvidas em sala de aula, através do incentivo do programa ‘Memória, cultura e inclusão social: conhecendo o museu da Baronesa através da educação’.

Tinha por objetivo principal aproximar a escola do espaço museal, tornando o educador uma ponte entre o museu e a escola, “com o intuito de suprir a carência de nossos professores, principalmente os de escolas pública, de matérias a respeito da História de Pelotas, conservação e educação para o patrimônio” ⁵⁸, auxiliando na aproximação do educando com a instituição museal, para que este chegasse ao museu com um prévio conhecimento do discurso museal proposto.

O mencionado caderno pedagógico aborda três eixos principais, subdivididos em itens, como:

Parte I – Conhecer para preservar

Pelotas: Um breve histórico

- Ocupação;
- Charqueadas – seu funcionamento e estrutura;
- Economia da cidade;
- Urbanização;
- Concentração populacional;
- Plano urbano de (1815) e o centro urbano (1832).

Parte II – História do Museu

- O terreno;
- Construção da casa;
- Ocupação da família;
- Doação do prédio;
- Reforma/tombamento do prédio;

⁵⁸ Trecho da entrevista com a responsável pelo Setor Educativo do MMPB, no período de 2007 a 2009, Jezuina Kohls Schwanz.

- Criação do museu.

Parte III – Patrimônio no centro da discussão

- Cultura e memória;
- Identidade;
- Patrimônio;
- Políticas de salvaguarda do patrimônio no Brasil;
- Instrumentos de proteção;
- Ameaças ao patrimônio cultural;
- Classificação do patrimônio cultural;
- Museu e educação
- Glossário – para explicar palavras que já não se usam mais.

Nesta última parte abordada, pelo referido caderno pedagógico, são exemplificados nos pontos citados noções de conceitos e características dos mesmos, para que ocorra um entendimento do que é o patrimônio, bem como as relações que se pode ter com ele, ou através dele.

Actualmente os Serviços Educativos têm actividades dirigidas para todos os públicos, no entanto, os grupos escolares, são os que solicitam mais o seu apoio e usufruem mais das suas actividades. Através de dinâmicas mediadoras tenta-se completar o trabalho na escola com as actividades propostas pelos Serviços Educativos, fomentar a interdisciplinaridade, desenvolver as competências dos alunos e ir além da educação formal. Por outro lado, um dos objectivos dos Serviços Educativos é formar públicos, daí que a maior parte deles invista mais no sector escolar, constituído pelo público mais jovem, que será o público do futuro. (AZEVEDO, :18)

2.2.2.4 – Projeto de exposições temporárias com cunho educativo

Através do arrolamento dos documentos administrativos tomou-se conhecimento do desenvolvimento de três exposições temporárias, as quais teriam um caráter educativo a ser desempenhado com seus visitantes, sendo estes categorizados como o público alvo das referidas exposições, e os conseqüentes trabalhos desenvolvidos projetados em razão de suas especificidades, tendo em vista a temática de cada exposição. Sendo esta dividida em três temáticas:

- “Entre rendas, chapéus e boas maneiras”

Esta exposição tinha como finalidade retratar o modo de vestir, os hábitos e os costumes do universo feminino do final do século XIX ao início do século XX, utilizando como suporte a coleção de têxteis, acessórios e fotografias que compõem o acervo do Museu da Baronesa.

Buscou-se abranger um público alvo de estudantes da área da história, museologia e moda, como também visitantes em geral, no decorrer de 02 de fevereiro a 24 de maio de 2009.

No decorrer deste período foram realizadas diversas atividades, tais como:

- ✓ Sessão de cinema;
- ✓ Palestras;
- ✓ Festa de aniversário de vinte e sete anos do MMPB.

Cabe fazer uma observação, não foram encontrados dados sobre os conteúdos ministrados nas palestras, nem dos filmes assistidos nas sessões de cinema, pois no documento analisado não constava tais informações, nem a intenção educativa que poderia possibilitar tais atividades. Por entrevista com uma monitora⁵⁹ do museu conseguiu-se tomar conhecimento destes conteúdos: “Os filmes tinham como tema a moda, e a palestra foi ministrada por uma professora da ‘moda’, da Católica – Universidade Católica de Pelotas-, que falou sobre a transformação do vestuário no decorrer dos anos, dos séculos”.

⁵⁹ Entrevista realizada no dia 13/05/2010, com Luciana Silveira Cardoso, estagiária do museu há três anos, graduanda do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel.

- “Tempo de brincar... tempo de estudar: a infância na casa da Baronesa”

Visava retratar aspectos da infância do final do século XIX, início do século XX. Em alguns cômodos do museu foram expostas peças do acervo, como brinquedos, vestuário e fotografias, que não compunham a exposição permanente.

Buscou-se abranger o público infantil, bem como pais e avós para que houvesse uma interação entre as diferentes gerações, ocasionado assim uma evocação e representação, como também o despertar de um interesse pelo passado que ali estava exposto, no decorrer de 20 de agosto a 20 de outubro de 2009.

No dia 29/08/2008, foi realizado com cinquenta crianças, da terceira série do Colégio Santa Mônica, o que foi intitulado pela instituição museal, um trabalho de Educação Patrimonial, o qual consistiu em:

- ✓ Guia da exposição;
- ✓ Desenho do patrimônio; brinquedos de ontem, brinquedos de hoje;
- ✓ As histórias que os avós contavam; (literatura infantil – Monteiro Lobato);
- ✓ Resgate de brincadeiras de roda.

- “O brinquedo através dos tempos: a infância na casa da Baronesa”

Visava mostrar um pouco da história dos brinquedos e das formas de brincar em diversos aspectos. As crianças puderam conhecer e comparar os brinquedos, livros, coleções e as diversões de hoje com aquelas do tempo de seus avós e bisavós.

O público alvo da instituição era o infantil, que teve acesso à exposição entre o mês de outubro – dezembro de 2009.

O conhecimento da intenção de tal exposição foi possibilitado pela análise de um texto⁶⁰ utilizado para a divulgação na imprensa da mesma, estando este na forma digital, e sendo utilizado para caráter interno de organização, não havendo um documento formal que possibilitasse a apreensão de mais informações, nem mesmo as de caráter educativo.

⁶⁰ Elaborado pela diretora do Museu da Baronesa, Annelise Montone, e pelos estagiários da referida instituição.

As informações pertinentes ao caráter educativo das mencionadas exposições foram obtidas através da entrevista com Jesuína. De uma forma abrangente a mesma explicou que “as atividades escolhidas tinham como intenção fazer com que o público dialogasse com a exposição e com o museu, através de uma troca de experiências e vivências”.

2.2.3 – Monitoria/Guia_ uma fonte de diálogo e apreensão

Os museus mais do que transmissores e ‘tradutores’ culturais, actuam, de uma forma dinâmica e pedagógica, como mediadores entre os seus públicos e as comunidades mais próximas, num âmbito mais restrito, e como mediadores entre os seus públicos e a comunidade, no sentido mais lato do termo. Os museus podem assim constituir-se como uma ponte de acção entre as audiências e a sociedade. (AZEVEDO: 02)

No MMPB são realizadas duas abordagens com os visitantes no momento da visita. Uma delas é a mediação, a qual é realizada com o público espontâneo que frequenta a instituição, a outra é a guia, a qual é destinada a grupos pré-agendados para visita.

A mediação pode ser caracterizada como uma forma de comunicação, entre o museu e seu visitante, ficando este livre para observar o que achar mais interessante, durante o tempo que julgar necessário, ou seja, sem um período delimitado. Esta é realizada por algum pessoal do museu⁶¹ habilitado⁶² para este fim, o qual fica a disposição do público no caso de alguma dúvida, questionamento ou simples colocação que estabeleça um diálogo.

A guia também pode ser considerada uma forma de interação como público, mas de certa forma mais pontual e objetiva, pois no decorrer da visita são transmitidas, pelo pessoal do museu, as informações que compõe o discurso museal, estabelecendo um roteiro de visita pré-determinado, muitas vezes, como é no caso em questão do Museu da

⁶¹ No Brasil, o termo “pessoal de museu” habitualmente, abrange todas as pessoas que trabalham regularmente para um museu, remuneradas ou voluntárias, que tenham ou não um contrato formal de trabalho, em tempo integral ou parcial.

⁶² Ao usar o termo habilitado, quer-se dizer que tenha conhecimento do discurso museal, e que goste de realizar um trabalho de interação com os visitantes.

Baronesa, com horário de início e de término, o que resulta em torno de quarenta e cinco a sessenta minutos de visitação.

As informações passadas seguem, como já foi mencionado, uma espécie de roteiro, o qual é utilizado como forma organizacional de se passar um mesmo discurso aos mais variados públicos. Este abarca informações sobre a casa, a família, e os acervos que deram origem ao museu.

A visita monitorada tem por objetivo estabelecer uma relação entre os objetos do acervo e o visitante. Ao realizar uma visita monitorada o público percebe o museu mais dinâmico. Muitos dos visitantes não costumam visitar museus e se dirigem a ele em busca de conhecimento, ou até mesmo por curiosidade. Neste caso a presença do monitor é fundamental. Através dele o visitante tem a oportunidade de questionar e ampliar seu conhecimento, já que o monitor pode inserir no discurso a história da cidade, do período ao qual pertenceram os objetos do acervo, etc.⁶³

A guia do MMPB segue dezessete pontos referenciais, os quais são:⁶⁴

- Sala do Sarau (1) – onde inicia-se a visitação; e se faz uma breve contextualização da origem do museu, como também da cidade de Pelotas neste período.



Figura 17: Sala do Sarau

(Fonte: Acervo pessoal)

- Boudoir (quarto de vestir) e Quarto de Amélia e Lourival (2) – fala-se sobre a mobília, que veio da França, no ano de 1889, para compor o enxoval do referido casal;

⁶³ Manual “Guia escrita do MMPB”, criado pela diretora da instituição Annelise Montone.

⁶⁴ Temas extraídos do Manual de Guia do MMPB.

pode-se chamar a atenção para as ligações dos quartos, para o corredor entre os mesmos, hoje sem portas (originalmente existiam portas entre eles), um costume colonial em que o pai mantinha o controle das filhas.



Figura 18: Boudoir; Quarto de Amélia e Lourival
(Fonte: Acervo pessoal)

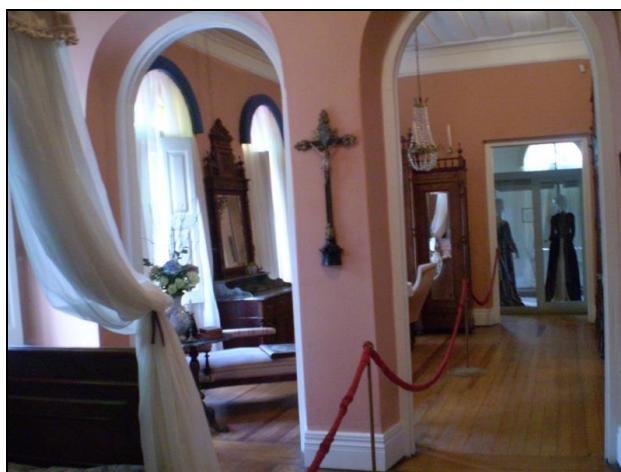


Figura 19: Corredor entre os cômodos
(Fonte: Acervo pessoal)

- Quarto de crianças (3) - Quarto ambientado no séc. XIX. Fala-se um pouco da ama-de-leite, escravas que amamentavam os filhos das senhoras e permaneciam nos quartos das crianças.



Figura 20: Quarto das crianças
(Fonte: Acervo pessoal)

- Quarto de Déa Antunes Maciel (4) - contextualizado na década de 30 (séc. XX); quarto pertencente à última moradora da casa, neta dos barões;



Figura 21: Quarto Déa
(Fonte: Acervo pessoal)

- Vitrines que estão na Sala da Namoradeira (5) - faz-se a comparação entre as roupas do início do século XX, até meados de sua primeira metade, mostrando as modificações no vestuário.



Figura 22: Vitrines
(Fonte: Acervo pessoal)

- Busto do Barão de Três Serros (6) – na guia hoje comenta-se que o busto foi mandado fazer, pelo próprio Barão, quando ganhou o título em 1884 por ter libertado seus escravos, todos de uma só vez, quatro anos antes de a Princesa Isabel assinar a Lei Áurea.



Figura 23: Busto do Barão de Três Cerros
(Fonte: Acervo pessoal)

- Sala da Namoradeira (7) – fala-se do conjunto de móveis desta sala, em estilo art- nouveau, que pertencia à família Antunes Maciel.

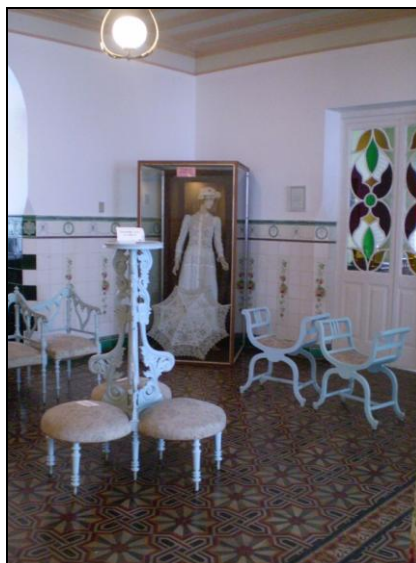


Figura 24: Conjunto de móveis – ‘namoradeira’

(Fonte: Acervo pessoal)

- Torreão, o escritório do Barão (8) – fala-se da vista de toda a propriedade; havendo em um andar abaixo deste a sala de costura, a qual tem visão para área interna da casa, visto que era um espaço de mulheres.



Figura 25: Escritório do Barão; Vista do escritório

(Fonte: Acervo pessoal)



Figura 26: Sala de costura; vista para parte interna da casa

(Fonte: Acervo pessoal)

- Algibe (9) – área aberta no centro da casa, na qual armazenava-se e retirava-se água, comentando que na época não havia água encanada.



Figura 27: Algibe

(Fonte: Acervo pessoal)

- Banheiro (10) – comenta-se a funcionalidade deste cômodo no decorrer das três gerações que residiram no Solar da Baronesa.



Figura 28: Banheiro

(Fonte: Acervo pessoal)

- Espaço de passagem no setor de serviço (11) – fala-se do altar e das imagens que pertenciam ao Parque Souza Soares; comenta-se a relação destes com a religião dos barões.



Figura 29: Setor de serviço

(Fonte: Acervo pessoal)

- Cozinha (12) – comenta-se o espaço de trabalho; o fogão a lenha; uma espécie de geladeira da época.



Figura 30: Cozinha

(Fonte: Acervo pessoal)

- Sala de Janta (13) – fala-se dos móveis que pertenceram a família Antunes Maciel; das coleções de louças que compõe o acervo.



Figura 31: Sala de janta

(Fonte: Acervo pessoal)

- Sala de Música (14) – fala-se da ambientação, com instrumentos eruditos; retrato do Cel. Antunes Maciel.

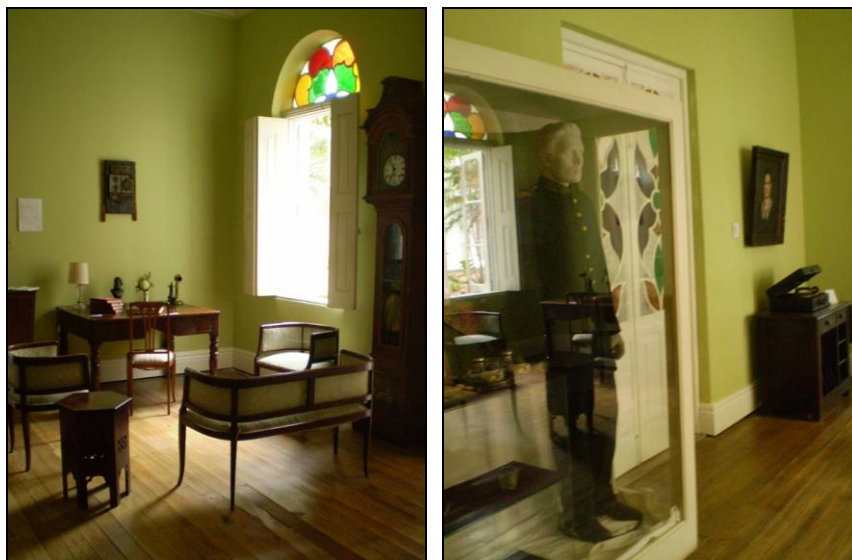


Figura 32: Sala de música – ‘sala verde’

(Fonte: Acervo pessoal)

- Jardim da frente e alpendre (15) – fala-se da pintura mural; da fonte com pedras de quartzo, como as que enfeitavam a gruta do parque.



Figura 33: Pintura mural; fonte

(Fonte: Acervo pessoal)

- Salão de festas ou Salão Dona Sinhá (16) – fala-se da funcionalidade do espaço na época;

2.3- O público e o Museu da Baronesa

2.3.1 – Público: o que da vida ao museu

Ao começarmos a abordar este eixo do trabalho, considera-se importante realizar algumas observações sobre a importância do público nos museus, para os quais são destinados todos os processos desenvolvidos em uma instituição museológica, pois é a razão de sua existência.

Para melhor elucidação da importância do público, julga-se importante realizar um apontamento histórico de suas definições, levando em consideração a história dos museus, na qual observamos uma gradativa transformação do conceito de público no decorrer dos séculos.

Inicialmente, século XVI, podia-se chamar de público as pessoas que os colecionadores deixavam ver suas pequenas mostras, sediadas em suas residências, tendo um caráter totalmente elitista e segregado. Essa visão de público não alterou-se até meados do século XVII, mesmo com o surgimento dos Gabinetes de Curiosidade.⁶⁵

Pensou-se que com a incorporação dos museus pelas universidades, meados do século XVIII, haveria uma maior inserção de público nos mesmos, até houve, mas para aqueles que tivessem algo a contribuir, que tivessem um conhecimento prévio do que ali estava exposto. Ou seja, os museus da época tinham suas portas abertas às pessoas que detivessem um poder, seja ele financeiro e/ou intelectual.

Dado ao eixo histórico da época, com a ocorrência do iluminismo e da Revolução Francesa, os museus começaram a ser abertos ao público. De uma forma não igualitária, mas deixou de ser de acesso a uns poucos, para possibilitar o conhecimento a muitos, para tornar-se visível a sociedade que o cerca.

Inicialmente eram abertos com dias e horários estipulados, principalmente para as pessoas de classe inferior, povo. Formavam-se filas para ver o espetáculo de arte que continha no local – tendo como exemplo o Louvre, na França.

⁶⁵ Os quais podem ser descritos como uma ampliação das coleções particulares, já que nestes detinha-se o universo em uma pequena sala, como também o conhecimento sobre os mais longínquos “buracos” da terra.

Sendo assim, a partir das reflexões realizadas, considera-se indissociável falarmos em educação em museus, em separado do público que compõe a instituição museal, pois é a partir de uma determinada demanda de visitantes que se projeta uma ação educativa.

2.3.2 – Comunicação entre o museu e seu público

A instituição museológica, além das exigências de caráter científico, tem o compromisso com a educação e com a comunicação, que só poderá ser cumprido com a produção de conhecimento, a partir das ações museológicas desenvolvidas no museu e em interação com os usuários.

(SANTOS, 2008:120)

Compreende-se que a educação pode ser considerada como um reflexo da comunicação, ou seja, através da divulgação do museu serão expostas, à sociedade possibilidades educacionais, as quais serão trabalhadas quando os visitantes entrarem no espaço museal e ali começarem a desenvolver atividades, tornando-se parte daquele espaço, deixando para trás seu caráter passivo, para tornar-se ativo perante a comunidade⁶⁶ museal.

Tendo como base o pensamento de HENRIQUES, explicitado no ‘Caderno Museus e Acção Cultural’, “a exposição pressupõe a transmissão de conhecimentos, com base numa colecção, e é, por isso, uma actividade educativa que procura atingir diferentes públicos”⁶⁷.

E como relata BRANDÃO, no referido caderno:

[...] só a partir do início do nosso século é que se começaram a fazer os primeiros trabalhos de observação dos visitantes e avaliação do tipo e a qualidade das informações fornecidas nos museus, podendo ainda dizer-se que os problemas envolvidos nas questões da acção cultural nos museus só nas últimas duas décadas, têm sido tratados com maior profundidade⁶⁸.

⁶⁶ Esclarecendo que o conceito de comunidade utilizado neste caso em específico faz menção ao abordado pela autora Maria Célia Santos, em seu texto “Museu e Comunidade: uma relação necessária”, o qual define comunidade como: “*com os grupos com os quais estamos realizando projetos*”.

⁶⁷ HENRIQUES. In: Caderno Museus e Acção Cultural. Pg. 90.

⁶⁸ BRANDÃO. In: Caderno Museus e Acção Cultural. Pg. 66.

Observa-se neste contexto a pesquisa de público⁶⁹ realizada no Museu Municipal Parque da Baronesa, no dia 25/04/2010, com cinquenta visitantes da instituição museológica em questão.

“[...] a pesquisa visa conhecer o real por meio de suas representações [...]” (ABREU, 2005:28), ou seja, a pesquisa de público possibilitará analisar a influência dos suportes de divulgação para os visitantes do museu. Através destes dados pode-se: (i) fazer uma alusão da representatividade que o público tem para a instituição museal, já que muitas vezes é através de folders, ou demais suportes de divulgação, que se toma o conhecimento de novas exposições, como também do próprio museu; (ii) caracterizar o público alvo da instituição, e se esta dirige-se somente a este, desconsiderando o restante da população ou almeja a inserção da comunidade em geral, sem determinação pré- estabelecida.

Através de um questionário⁷⁰ elaborado única e exclusivamente para este fim, para a aplicação da pesquisa de público no MMPB, buscou-se saber do público abordado questões referentes à visitação e aos suportes de divulgação do museu. Tais como os elencados abaixo. Tendo suas respostas explicitadas, respectivamente, sob a forma de gráficos, para melhor elucidação.

- É a primeira vez que você visita esse Museu?

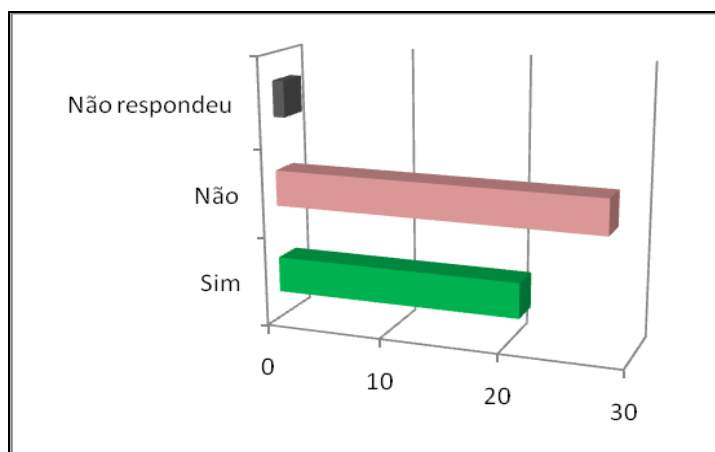


Gráfico 1

⁶⁹ Realizada através do método quantitativo, o qual baseia-se sumariamente em dados gráficos de resultados específicos.

⁷⁰ Questionário no apêndice 1.

Observa-se no gráfico acima, que um elevado número de pessoas que já haviam visitado o Museu da Baronesa, mais precisamente 28, de cinquenta pessoas abordadas.

Para saber a frequência de visitação deste público elaborou-se uma pergunta a qual, de certa maneira, era complementar da primeira proposta no questionário.

- Caso já tenha visitado, quando foi a sua última visita ao Museu?

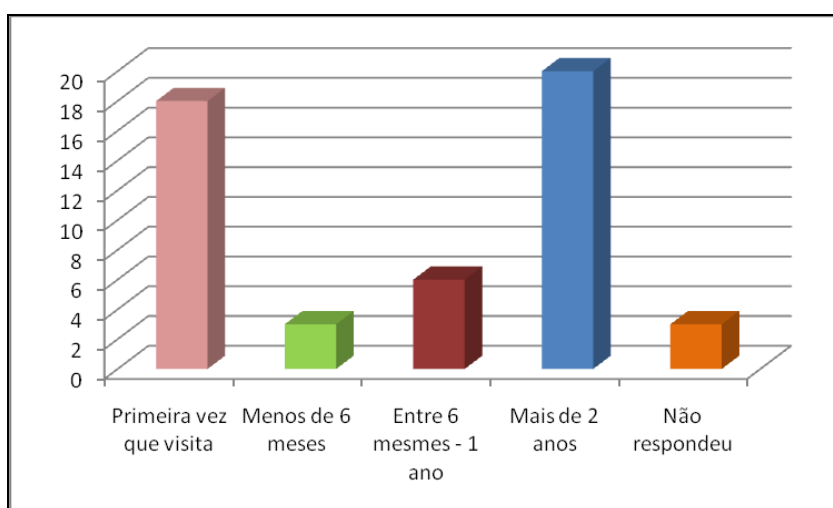


Gráfico 2

Neste gráfico ressalta-se que as pessoas que já visitaram o Museu, deram um espaço de tempo de 2 anos para voltar à visita-lo, compreendendo um total de 20 pessoas em específico. E que 18 pessoas o faziam pela primeira vez.

Para analisarmos o suporte de divulgação do museu, em relação ao seu público, elaborou-se tal questionamento:

- Como ficou sabendo a respeito do Museu?

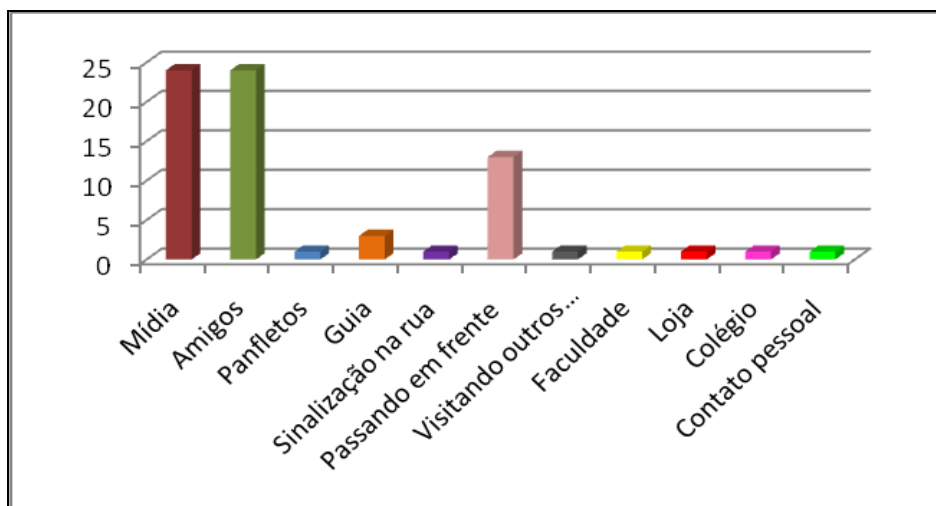


Gráfico 3

Destaca-se neste a influência da mídia - impressa, televisiva, rádio e internet-, e dos amigos, compreendendo respectivamente um índice de 23 e 24 respostas. Neste gráfico considera-se importante fazer duas observações: 1ª) nesta questão em específico podia-se marcar mais de uma alternativa; 2ª) dado o fechamento do Museu da Baronesa, no decorrer de um mês para sua revitalização interna, a frequência de divulgação da mídia foi em maior escala do que a habitual, o que pode ter influenciado no suporte de divulgação casual da referida instituição museológica.

Para tomar conhecimento do resultado da visita realizada, propôs-se aos visitantes uma pergunta específica:

- Em relação à visita que você acabou de realizar, você se sente?

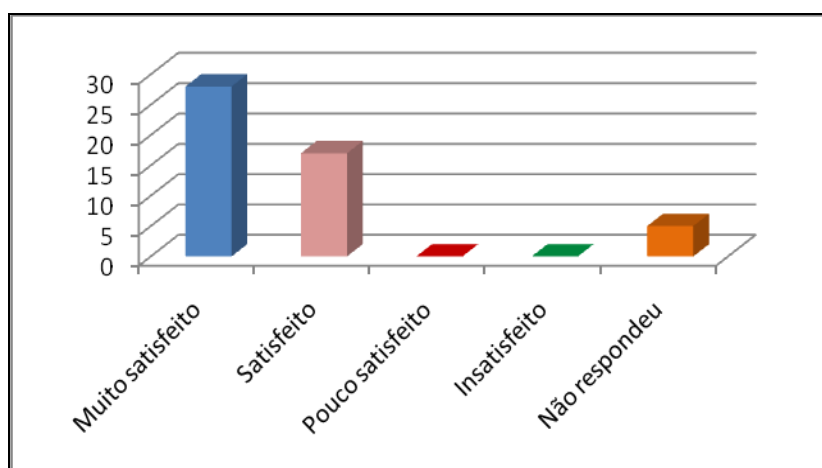


Gráfico 4

Dentre as respostas obtidas, 28 pessoas disseram estar muito satisfeitas com o procedimento da visita; o índice de resposta negativa foi zero; considerando que 05 pessoas não responderam esta pergunta.

Para saber se o público retornaria à instituição museal, perguntou-se:

- Você acha que vai retornar a esse Museu?

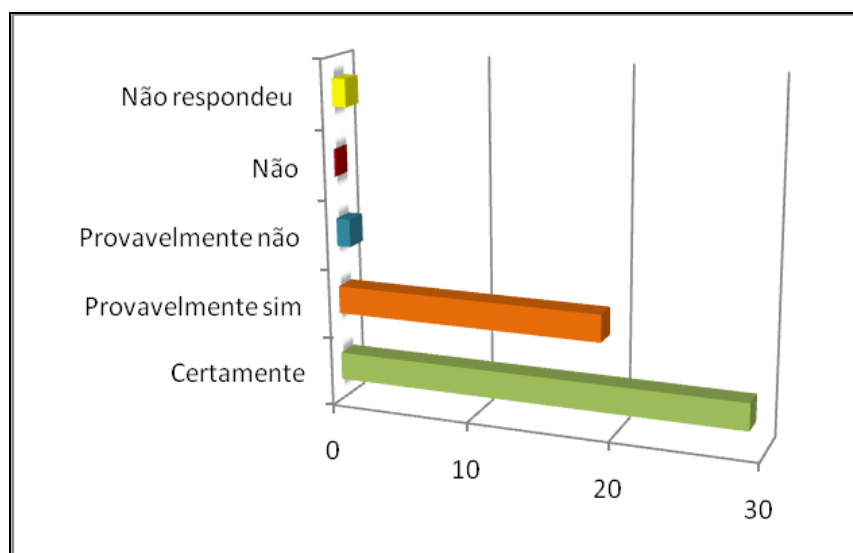


Gráfico 5

Das respostas obtidas, 29 pessoas responderam que certamente voltariam a visitar o MMPB; destaca-se que 01 pessoa respondeu que provavelmente não, ‘pois estava sempre do mesmo jeito, a exposição não mudava’⁷¹.

Tendo em vista o pensamento da nova museologia, a qual considera importante conhecer o público dos museus, para assim poder estabelecer um diálogo com seus visitantes, até mesmo para formular o discurso museal - a narrativa das exposições-, em consonância com os mesmos, elaborou-se quatro perguntas, que abrangiam o visitante em si, para que a instituição tomasse conhecimento de com quem⁷² estava-se falando. Intitulou-se no questionário como ‘Conhecendo você’.

⁷¹ Palavras do visitante entrevistado, no momento do preenchimento do questionário.

⁷² Considerando este ‘quem’ como o público visível do museu.

- Sexo

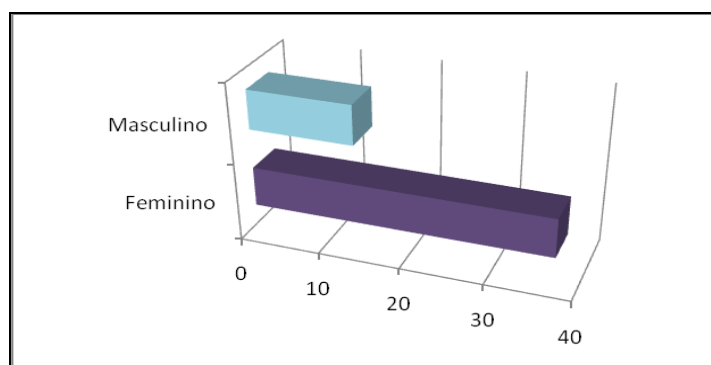


Gráfico 6

Nos entrevistados, no dia da aplicação do questionário, observa-se um índice maior de mulheres em relação aos visitantes de sexo masculino. A razão da diferença de 37 para 13, provavelmente, pode ser explicada nos gráficos abaixo.

- Idade

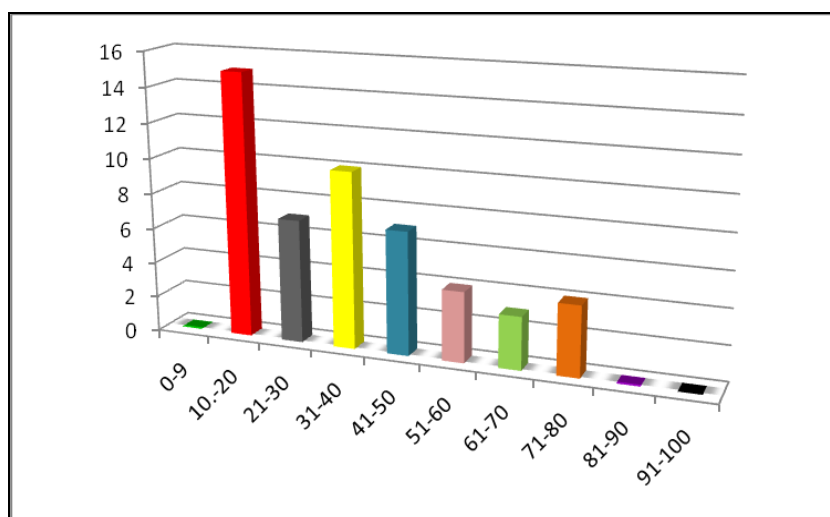


Gráfico 7

Para analisar o índice da faixa etária dos entrevistados optou-se por separar a mesma por décadas. Mas no questionário cada visitante preenchia especificamente a sua idade.

Ao analisar estes dados nota-se que o que maior índice compreende as pessoas de 10-20 anos, e em segundo lugar os visitantes de 31-40 anos, compreendendo respectivamente, 15 e 10 indivíduos.

Este resultado pode também elucidar a questão proposta anteriormente, observando, o gráfico abaixo, o qual representa o índice de visitação feminina no museu, de acordo com a sua faixa etária.

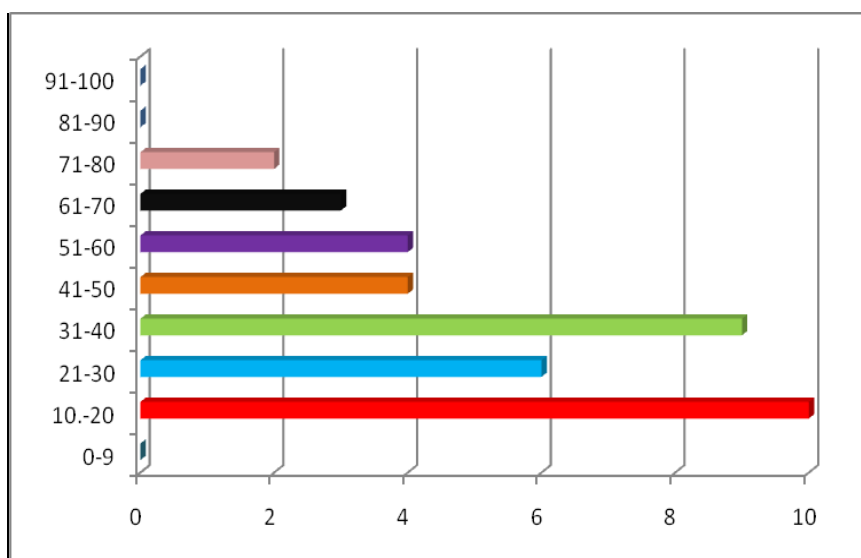


Gráfico 8

Observa-se que dos 15 entrevistados – de faixa etária de 10 a 20 anos- 10 eram do sexo feminino; e dos 10 entrevistados - de faixa etária de 31 a 40 anos – 09 eram mulheres. Ao relacionar estes dois parâmetros de faixa etária podemos pressupor, através da observação empírica, que tal indicie pode ter sido influenciado pelo fato de que dentre os 15 primeiros entrevistados, 07 tinham até quinze anos, e provavelmente estivessem acompanhados das suas mães.

Um outro ponto abordado no questionário, foi a escolaridade. Torna-se importante obter estes dados, pois a partir da análise dos mesmos pode-se aferir um ‘tipo’ de público que frequenta o museu. Levando em consideração que todos os processos realizados em uma instituição museológica são para o seu público, e que cada indivíduo possui um código cultural, sendo o museu a ponte mediadora neste processo de comunicação.

- Escolaridade

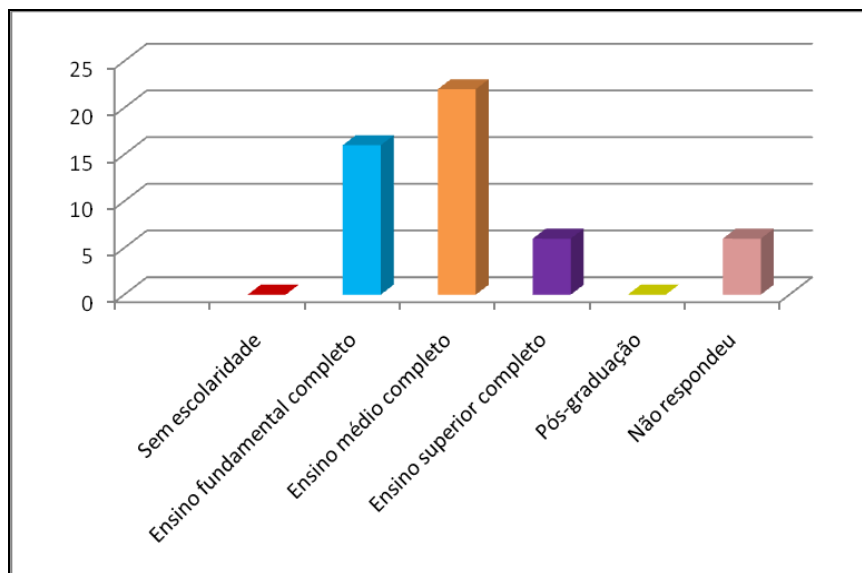


Gráfico 9

Ao ler os dados do gráfico a cima, observa-se que a média de visitantes do MMPB possui o ensino médio completo, abarcando especificamente 22 pessoas entrevistadas. Estando em segunda colocação, 16 entrevistados, que possuem o ensino fundamental completo.

Uma última pergunta, mas de considerável importância, destina-se a saber de onde vêm o público que visita o museu. Portanto elaborou-se a questão:

- Você reside na cidade de Pelotas?

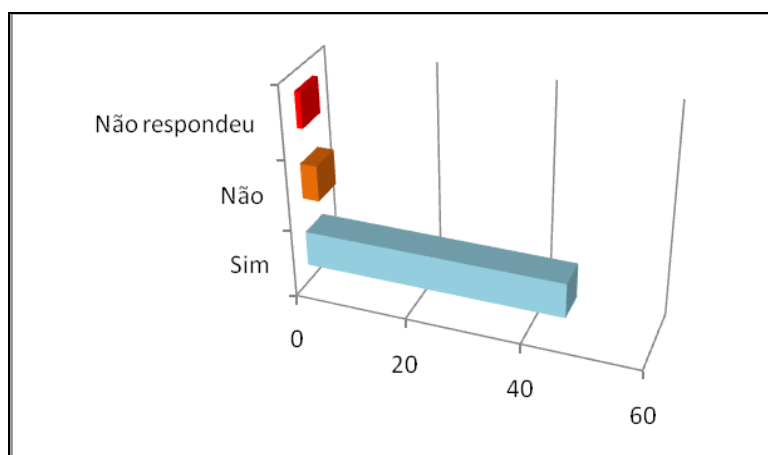


Gráfico 10

Das 50 respostas obtidas, 46 pessoas são residentes da cidade de Pelotas, 03 são de fora da cidade – consequentemente deslocaram-se de longe para visitar o museu-, e apenas 01 pessoa não respondeu.

Para melhor observar a procedência dos visitantes, dividiu-se as respostas, da seguinte forma:

Primeiramente das pessoas que residem na cidade, especificando seu bairro.

- Sim. Qual bairro?

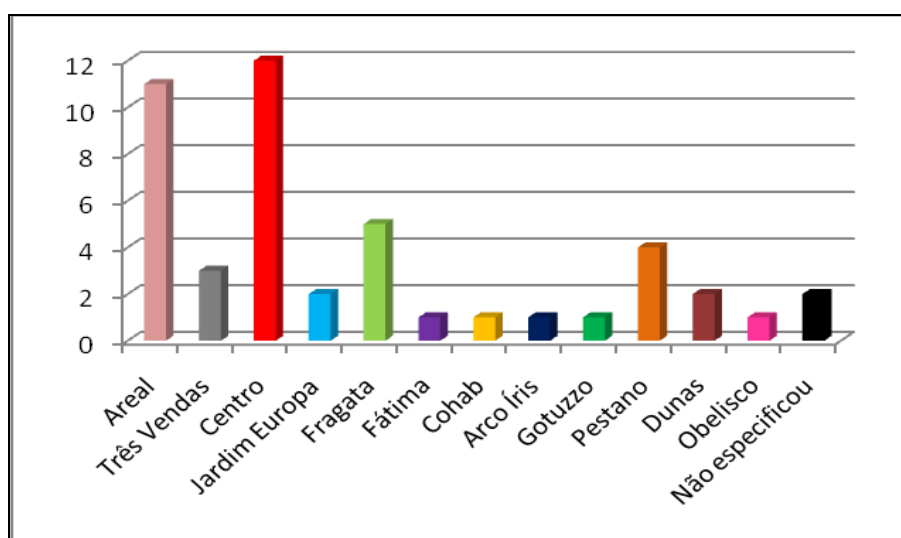


Gráfico 11

Observa-se, portanto, que das mais diversas localidades provém os visitantes do Museu da Baronesa. Destacando, com mais ênfase 12 pessoas, que vieram do centro; e 11 pessoas que vieram do Areal. Demonstrando que a comunidade em torno do museu, participou, naquele momento, da instituição museal.

Em um segundo momento, das pessoas que provinham de fora da cidade, especificando-as também.

- Não. Qual cidade?

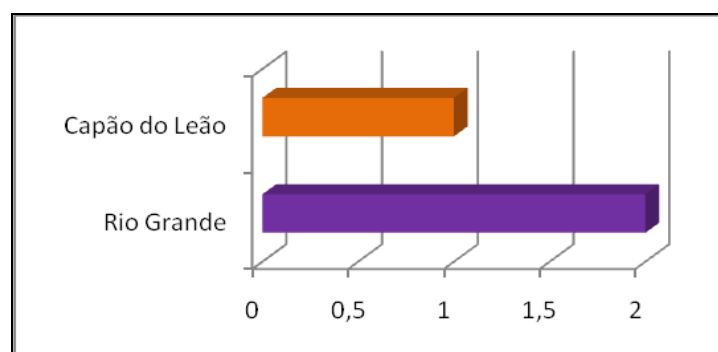


Gráfico 12

Dos 03 visitantes não residentes na cidade de Pelotas, 02 vieram da cidade de Rio Grande e 01 do Capão do Leão. Não se pode aferir com absoluta certeza se os dois primeiros mencionados, deslocaram-se para visitar somente o MMPB, mas sim que destinaram um tempo para realizar a visita, visto que neste dia formaram-se filas, de até meia hora de espera, em razão do elevado fluxo de visita na referida instituição museal.

Considerações finais

Este trabalho de conclusão de curso teve como intenção entender a educação no Museu Municipal Parque da Baronesa, observando suas atividades educacionais, no decorrer de quatro anos, 2005 -2009. Bem como conhecer seus suportes de divulgação, visto que a ação museológica compreende a educação em museus e a comunicação estabelecida entre a instituição museal e o seu público.

Entendi necessário fazer primeiramente uma contextualização de como surgiu o Museu da Baronesa, levando em consideração a origem da cidade de Pelotas, visto que o reflexo do apogeu do município encontra-se representado nesta instituição museal. Em um segundo momento, discorri sobre a ocorrência da educação nos museus, para então poder abarcar o seu conceito atual e visualizar a sua aplicabilidade na referida instituição museal da cidade de Pelotas.

A partir da pesquisa realizada observo que a instituição tem o pensamento de que o museu é um lugar educativo. Pensamento este que foi corroborado tanto pela diretora, Annelise Montone, quanto pela responsável pelo setor educativo, Jezuina Schwans, a qual trabalhou no MMPB por dois anos, de 2007 a 2009. O que demonstra a consonância das atividades propostas, sendo estas de comum acordo, facilitando suas realizações⁷³.

O Museu da Baronesa assume sua função educativa, mas não são implementados meios para que esta se desenvolva de forma consecutiva. Tal fator pode ser atribuído à falta de recursos humanos da instituição, pois para que as ações museológicas, projetadas, possam ser realizadas sem interrupções, é necessário um quadro funcional amplo, estável, e se possível, interdisciplinar – abrangendo: conservadores, museólogos, pedagogos e demais funcionários da instituição museal.

⁷³ Vale destacar que muitas vezes só o querer não é possível para a realização de uma ação, pois o MMPB recebe o título de ‘museu da cidade’, porém não recebe muitos recursos para manter, ou realmente obter, este status, que só faz uma alusão de apogeu, tanto econômico, quanto cultural da cidade de Pelotas. Tendo como um exemplo específico a não contemplação do MMPB, dos recursos obtidos através do Edital de Modernização de Museus do IPHAN, visto que a SECULT – e Prefeitura da Cidade de Pelotas - não deu a contra partida ao Governo sobre o projeto, ficando assim o recurso indisponível para a realização das atividades propostas no referido edital. Informações obtidas, com a diretora do MMPB, Annelise Montone, no momento do arrolamento dos documentos administrativos a serem pesquisados.

As ações educativas da referida instituição museal estão embasadas no pensamento de Horta⁷⁴, sob a metodologia da Educação Patrimonial⁷⁵. Tenho uma opinião contrária ao pensamento da referida autora, acredito que a educação não está embasada na transmissão, que tem como foco esta metodologia de ensino, mas na comunicação, em tudo que for dialogado com o visitante.

A meu ver esta metodologia “ensina as pessoas a aprender”⁷⁶, acaba transmitindo uma opinião, um conhecimento já formulado, não deixando muito espaço para a reflexão do assunto abordado, reflexão esta que pode ser considerada a base para a comunicação, e o suporte para que esta ocorra na educação em museus.

Tomando como base um artigo⁷⁷ da citada autora, pode-se notar que a aplicação desta metodologia abarca o patrimônio material, que possui determinadas características, que possam ser trabalhadas no decorrer do processo de transmissão educacional.

Transmissão de idéia essa, que vai de encontro com a postura da ação educativa que acredito ser libertadora, a qual é, no meu entendimento, a base para o desenvolvimento da educação em museus. Neste ponto vê-se um debate pautado entre duas autoras, SANTOS e HORTA, sem mencionar que CABRAL assume a mesma postura que Maria Célia Santos. Debate este que possui como foco a visão de como se realiza a educação no museu, sendo esta pautada na comunicação, - na troca, no aprendizado conjunto entre educando e educador-, e não na transmissão de conhecimentos, como é atribuída na educação patrimonial.

Não se pode dizer que a educação patrimonial não possui nenhum mérito, mas sim analisar que a sua metodologia é de certa forma seletiva, pois a visão de um, o entendimento de um indivíduo, ou de uma instituição, é passado aos demais como se fosse a única verdade, não deixando espaço para contestações e reflexões a partir do trabalho realizado.

CHAGAS é um autor que se coloca, contra a metodologia da educação patrimonial, primeiro por acreditar que a nomenclatura da mesma possui uma redundância⁷⁸, segundo

⁷⁴ Maria de Lourdes Parreiras Horta, museóloga que implantou a metodologia de ‘educação patrimonial’ no Brasil.

⁷⁵ “A Educação Patrimonial propõe-se como um método ativo e permanente de ensinar as pessoas, adultos e crianças, a aprender a conhecer o seu Patrimônio, e a compartilhar esse conhecimento com seus semelhantes” (HORTA, 1991:9)

⁷⁶ HORTA, 1991:63

⁷⁷ I Congresso Latino-Americano sobre a Cultura Arquitetônica e Urbanística: Educação Patrimonial. (1991)

por ver o museu como um lugar de educação por natureza, sendo assim não teria que haver uma metodologia para um fim que já é aplicado.

Retomando a Educação Patrimonial do MMPB, observa-se que embasadas na mesma formularam-se diversos suportes de atividades educativas, através do programa de educação patrimonial, como já foi citado no II capítulo deste trabalho. Contudo, tais embasamentos não obtiveram, a meu ver, o destaque necessário para a ocorrência de sua utilização, o que gera um déficit no setor educativo da instituição museal, visto que sua aplicabilidade, e principalmente, a sua funcionalidade, como foi citado nas entrevistas realizadas, eram de suma importância para a finalidade da instituição museu.

Tal colocação me fez querer analisar os suportes de divulgação do Museu da Baronesa, pois considero a comunicação com o público uma ação educativa, a qual é intrínseca tanto nas propostas educacionais, quanto nas ações museológicas.

Observando os dados obtidos, através da pesquisa de público, nota-se que o maior índice de visitação espontânea deve-se ao fato dos visitantes passarem em frente ao museu, e não tanto por suportes que o divulguem. Destaca-se o resultado obtido da mídia, a qual exerceu uma considerável influência na inserção do público, no dia⁷⁹ da aplicação do questionário. Entretanto, o folder, o qual é um suporte de divulgação habitual do museu, foi citado somente uma vez entre os cinquenta visitantes abordados. Com isso, ratifico que as ações do museu não recebem a atenção e a divulgação necessária para atingir seus objetivos, de forma a não comunicar-se constantemente com o seu público.

Ressalto que os suportes de divulgação das atividades educativas são os mesmos da divulgação habitual do museu, e que nestes não estão especificados as ações educativas a serem desenvolvidas. Nem mesmo na divulgação específica das três exposições temporárias, as quais foram caracterizadas por terem um caráter educativo.

Divulgação esta que se deu por meio de convites, sendo estes na forma digital. Observo que esta comunicação ocorreu de forma seletiva, pois os mesmos foram enviados

⁷⁸ Crer que a educação já se relaciona em si com o patrimônio cultural. Portanto não há como e nem o porquê realizar uma ‘educação educacional’ sobre o patrimônio. CHAGAS. 2006: parte VII.

⁷⁹ 25/04/2010. Reabertura do MMPB, no dia do seu aniversário, após um mês fechado.

por e-mail, o que restringe o acesso da população a este meio comunicacional, o recebendo somente quem o museu possui na sua lista de endereços de e-mails.

A realização das três exposições temporárias tinha por intenção realizar diversas atividades educativas, como é colocado no II capítulo desta monografia. No entanto, não foi possível medir no que tais propostas auxiliariam na formação do pensamento crítico dos visitantes, na proposição de questionamentos, o que considero a base para a construção de um elo comunicacional entre o visitante e a instituição museológica.

Através da realização da mediação ou da guia, são elucidadas informações e questionamentos sobre o discurso museal com o indivíduo, em meio ao espaço expositivo. Sendo estas atividades, uma das formas mais direta de contato com o visitante, possibilitando uma maior participação deste na instituição, pois é também uma possibilidade de ouvir e ser ouvido, construindo verdadeiramente um diálogo, estabelecendo assim uma real comunicação.

Ao analisar as ações educativas desenvolvidas no MMPB, considero que a instituição propôs atividades de cunho educacional, mas o que não significa que realmente tenha ocorrido um trabalho educativo na instituição. Pois, não se sabe o reflexo destas ações na vida dos visitantes, nem mesmo da resposta esperada do público através das atividades realizadas.

Noto que a referida instituição museal não possui uma política escrita de educação, e que a mesma, pode ser considerada a base para o desenvolvimento de qualquer ação educativa dentro de um museu, pois é ela que traçará suas normas e metas, visando deixá-las mais adequada possível para o seu público, como também pensando na aplicabilidade que esta terá para realmente realizar um trabalho educativo.

Ressalto a importância de uma política de educação, mas não é somente a sua existência que definirá o desenvolvimento de um trabalho com cunho educacional, mas também a real integração desta, a qual só será possível se todo o pessoal do museu⁸⁰ participar em conjunto, sem distinção de cargo, visando somente à funcionalidade, e implementação, desta ação.

⁸⁰ No Brasil, o termo “pessoal de museu” habitualmente, abrange todas as pessoas que trabalham regularmente para um museu, remuneradas ou voluntárias, que tenham ou não um contrato formal de trabalho, em tempo integral ou parcial.

Valendo-se ainda dos resultados obtidos com a pesquisa de público realizada, observei sob uma nova perspectiva os visitantes do MMPB. Nota-se que estes provêm das mais diversas localidades da cidade, como também há um elevado índice de visitação das pessoas que são das redondezas do museu, o bairro Areal.

O público que constitui o Museu da Baronesa possui em sua maioria o ensino médio completo. Através dos dados relacionados à escolaridade pude tomar tal conhecimento, como também analisando os demais elementos que configuraram o ‘Conhecendo você’⁸¹.

Estes resultados aferem, de certa forma, que o público visível desta instituição museal faz parte de uma parcela da sociedade pelotense, mas não abarca somente a elite da cidade, os acadêmicos, como muitas vezes é atribuído este caráter elitista a esta instituição. Mas sim, demonstra que de uma forma ou de outra a comunidade visita e frequenta o museu. Não sabe-se com certeza se é por sentir-se ali representado, ou apenas por sentir-se convidado a visitar e interagir com o espaço museal.

Chego à conclusão, que apesar de no museu não existir uma divulgação efetiva, há um índice⁸² satisfatório de visitação, não só no dia do aniversário do museu, que totalizou 343 visitantes, em quatro horas, mas também nos finais de semana, nos quais se encontra um mínimo de cinquenta pessoas, que registram sua visita no livro de presença da instituição. Além, daquelas realizadas no decorrer da semana⁸³, as quais têm grande relevância no fluxo de visitação do MMPB. Nota-se que o fato da entrada do museu ser paga, não repele os visitantes, nem mesmo prejudica o seu índice de visitação, como também não ‘constrói’ um tipo de público em específico.

Para obter os dados necessários para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, foram analisados os mais diversos documentos administrativos que tratavam sobre o assunto em questão, a educação no Museu Municipal Parque da Baronesa. Porém considero importante ressaltar que muitas informações foram obtidas por entrevistas, visto a insuficiência de dados nos documentos analisados, ou até mesmo a inexistência destes.

Tal impossibilidade de analisar os documentos que registram as ações desenvolvidas causa um transtorno não só para os pesquisadores que utilizam esta instituição como, ou

⁸¹ Espaço do questionário, com quatro perguntas que abarcavam informações sobre os visitantes em si.

⁸² Tendo como fonte o livro de registro de presenças.

⁸³ Na maioria das vezes compõe um grupo escolar ou até mesmo visitação de outros grupos agendados.

para, fonte de pesquisa, bem como para o próprio museu, visto que no mesmo não têm um registro do que é gerado, produzido, nem mesmo da consequência de suas ações para o público.

Ainda no Rio Grande do Sul, não há um trabalho específico desenvolvido⁸⁴ para saber o que as atividades educativas realizadas nos museus acrescentaram e/ou modificaram na vida de seus visitantes, mesmo sabendo da importância dos mesmos para a existência das instituições museológicas. Não é sabido se realmente conseguiu-se desenvolver o pensamento crítico e a participação do público nos museus, sendo tais fatores, considerados à base da função educativa dos mesmos.

Portanto, considero de suma importância ampliar este estudo, para tomar conhecimento das consequências provenientes das ações desenvolvidas nas instituições museológicas. Obter uma ratificação da importância da função educativa dos museus, e de que suas ações de uma forma ou de outra interajam na vida dos visitantes, que os mesmos participam e constroem em consonância a ponte de comunicação entre o museu e seu público.

⁸⁴ BRANDÃO. In: Caderno Museus e Ação Social .Pg. 67,68.

Fontes primárias:

Análise de documentos administrativos:

- Edital do Projeto de Modernização de Museus – “Memória, Cultura e Inclusão Social: conhecendo o Museu da Baronesa através da educação”;
- Projeto das exposições temporárias, com cunho educativo;
- Projeto de Educação Patrimonial;
- Caderno Pedagógico (disponibilizado em forma digital);
- Cartilha Amelinha (disponibilizado em forma digital);
- Suportes de divulgação (página na internet, folderes, convites);
- Manual de Guia do MMPB (disponibilizado em forma digital).

Entrevistas:

- Diretora do MMPB – Annelise Costa Montone, concedida no dia 29/05/2010;
- Responsável pelo setor educativo do MMPB – Jezuina Kohls Shawnz, concedida no dia 30/05/2010;
- Estagiária do MMPB – Luciana Silveira Cardoso, realizada no dia 13/05/2010.

Pesquisa de público – com cinquenta visitantes do MMPB, realizada do dia 25/04/2010, entre as 14 hs e 18 horas.

Referências bibliográficas:

- ABREU, Regina. **Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social**. In: GONDAR, Jô & DOBEDEI, Vera (org), RJ, Contra Capa Livraria, 2005.
- AZEVEDO, Maria do Rosário de Melo. **Dinâmicas de aprendizagem nos museus: a mediação**.
http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:dM6bT5C4ztgJ:www.urbanismo-portugal.net/minhawe10/pdf/maria_azevedo_1prt.pdf+AZEVEDO.+Maria+do+Ros%C3%A1rio+de+Melo.+Din%C3%A2micas+de+aprendizagem+nos+museus:+a+media%C3%A7%C3%A3o.&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br (acessado em 30/06/2010 as 15h20min.)
- BRANDÃO, José M. **Acção Cultural e Educação em Museus**. Caderno Museus e Ação Social. (66-76); http://www.mestrado-museologia.net/Cadernos_pdf/Cadernos_05_1996.pdf (acessado em 30/06/2010 as 15h40min.)
- BRUNO, Maria Cristina. **Museus e Patrimônio Universal**. V Encontro do ICOM Brasil. Fórum dos Museus de Pernambuco, Recife, maio de 2007.
- CABRAL, Magaly. **Museu e educação: conceitos e métodos**. Simpósio Internacional. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. 2001
- CABRAL, Magaly; CURY, Marília. **Parcerias em educação e museus**. In: Anais do III Encontro Regional da América Latina e Caribe – CECA/ICOM. São Paulo: MAB/FAAP. 2006

Cartas Patrimoniais:

- Declaração do Rio de Janeiro, 1958;
- Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972;
- Declaração do México, 1984;
- Declaração de Quebec, 1984;
- Declaração de Caracas, 1992.
- CEPAL.UNESCO. – **Educação e Conhecimento: eixo da transformação produtiva com equidade**. – Brasília: IPEA/CEPAL/INEP, 1995. (471p.)
- CHAGAS, Mário de Souza. **A dimensão pedagógica e social do museu** (Ser ou não ser, eis a questão). Boletim Programa Nacional de Museus n.6. MINC, 1985.

_____. **Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação.** Patrimônio – revista Eletrônica do IPHAN. Dossiê educação Patrimonial nº3. Jan/Fev. de 2006

_____. **Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio.** Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia, Brasília: v. 1, n. 1, p. 135-146, 2004.

DURKHEIM. Émile. **Educação e Sociologia.** Edições 70 Ltda. Julho de 2007 (coleção biblioteca 70 – nº 26)

Estatuto dos Museus – ICOM - Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

FARIA, Margarida Lima de. **Educação – Museu – Educação.** Projeto: Museus e Educação, Instituto de Inovação Educacional. Julho de 2000.

GUTIERREZ. Ester J.B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense.** Pelotas: Editora Universitária/UFPel; Livraria Mundial, 1993. (281p.)

HENRIQUES, Luis Oliveira. **A Comunicação na escola e no museu.** Caderno Museus e Ação Social. http://www.mestrado-museologia.net/Cadernos_pdf/Cadernos_05_1996.pdf
(acessado em 30/06/2010 as 15h40min.)

HORTA. Maria de Lourdes Parreiras. **Educação patrimonial.** (Texto apresentado no I Congresso Latino-Americano sobre Cultura Arquitetônica e Urbanística. Porto Alegre, junho, 1991).

_____. **A educação patrimonial – um processo em andamento.** Museu e Educação: conceitos e métodos. Simpósio Internacional. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. 2001

http://www.pelotas.com.br/baronesa/historia/historia_pelotas.htm (acessado em 30/04/2010 as 16hs)

<http://www.olibertador.com.br/pelotas/pelotas5.htm> (acessado em 30/04/2010 as 16:05 hs)

<http://pelotas.ufpel.edu.br/> (acessado em 30/04/2010 as 16:11hs).

LEAL, Noris Mara Pacheco. Museu da Baronesa: acordos e conflitos na construção da narrativa de um museu municipal, 1982-2004. 2007.102 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, RS.

MAGALHÃES, Mário Osorio. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).** Pelotas: Editora da UFPEL, 1993. (124p.)

MARQUES. Alvarino Fontoura. **Evolução das charqueadas Rio-Grandenses**. Martins Livreiro-editor. Porto Alegre, 1990 (196p.)

Museologia. **Roteiros Práticos 3: Educação em Museus**. Editora da Universidade de São Paulo.

Questionário do Observatório de Museus e Centros Culturais.

<http://www.fiocruz.br/omcc/media/Questionario-ultimomodelo.pdf> (acessado em 30/06/2010 as 18h)

SANTOS. Maria Célia Teixeira Moura. **Os Museus e seus públicos invisíveis**. Setembro de 2007. (Texto apresentado no I Encontro Nacional de Rede de Educadores de Museus e Centros Culturais, realizado no Rio de Janeiro, na Casa de Rui Barbosa, nos dias 17 e 18 de setembro de 2007.)

_____. **Museu e Comunidade: uma relação necessária**. (Texto a ser apresentado na 13ª Reunião Anual do Instituto Biológico, a ser realizada em São Paulo, no período de 6 a 11 de novembro de 2000). http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_COMUNIDADE_2.pdf (acessado em 30/06/2010 as 16h40min.)

_____. **Encontros Museológicos 4: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: MIC/IPHAN/DEMU. 2008

_____. **Ação cultural e educativa dos museus**. Uni-versitas:Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. Salvador, n.21, p. 163-169, set. 1978.

SCHLOCHTA. Consuelo Alcioni Borba Duarte. **O educador em museu**. UFPR-DEPARTAMENTO DE ARTES – Professora do Curso de Educação Artística/UFPR - <http://www.proec.ufpr.br/enec2005/download/pdf/EDUCA%C7%C3O/PDF%20EDUCACAO/39%20-%20O%20EDUCADOR%20EM%20MUSEU%20-%20rev.pdf> (acessado em 30/06/2010 as 17h.)

TORRES, Rodrigo de Oliveira. “... e a modernidade veio a bordo: Arqueologia histórica do espaço marítimo oitocentista na cidade do Rio Grande/RS”. 2010. 94f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

www.charqueadasaojoao.com.br (acessado em 10/06/2010 as 14:05 hs)

www.charqueadaboavista.com.br (acessado em 10/06/2010 as 14:10 hs)

www.charqueadasantarita.com.br (acessado em 10/06/2010 as 14:15 hs)

Apêndice:

Questionário de pesquisa de público do Museu Municipal Parque da Baronesa

1. É a primeira vez que você visita esse Museu?

() Sim () Não

1.2. Caso já tenha visitado quando foi a sua última visita ao Museu?

() Há menos de 6 meses () Entre 6 meses e 1 ano () Há mais de 2 anos

2. Como ficou sabendo a respeito desse Museu?

(Pode marcar mais de uma resposta)

- () Passando em frente ao Museu
() Visitando outros museus
() Através da mídia: impressa, televisiva, rádio, internet
() Através de panfletos, cartazes, outdoors
() No guia turístico
() Por amigos, familiares, professores
() Pela sinalização na rua
() Outra fonte : Qual? _____

3. Em relação à visita que você acabou de realizar, você se sente:

() Muito satisfeito () Satisfeito () Pouco satisfeito () Insatisfeito

4. Você acha que vai retornar a esse Museu?

() Certamente () Provavelmente sim () Provavelmente não () Não

5. Conhecendo você

5.1 - Sexo: () Feminino () Masculino

5.2 - Idade _____ anos completos.

5.3 - Escolaridade: (Marcar apenas uma resposta)

- () Sem escolaridade () Ensino fundamental completo
() Ensino médio completo () Ensino superior completo
() Pós - graduação: _____

5.4 – Você reside na cidade de Pelotas?

() Sim. Qual bairro? _____ () Não. Qual cidade? _____

[Digite texto]